



Estudos de Lingüística Galega

ISSN: 1889-2566

[elgilg@usc.es](mailto:elgilg@usc.es)

Universidade de Santiago de Compostela  
España

Brissos, Fernando; Saramago, João  
O problema da diversidade dialectal do Centro-Sul portuguê: informação perceptiva versus  
informação acústica  
Estudos de Lingüística Galega, vol. 6, enero-diciembre, 2014, pp. 53-80  
Universidade de Santiago de Compostela  
Santiago de Compostela, España

Dispoñible en: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305631654003>

- Como citar este documento
- Número completo
- Máis artigo
- Revista Home en [redalyc.org](http://redalyc.org)

[redalyc.org](http://redalyc.org)

Sistema de Información Científica  
Rede de Revistas Científicas de América Latina, Caribe, España e Portugal  
Proxecto sen ánimo de lucro Académico, desenvolvido por iniciativa Acceso Aberto

# O problema da diversidade dialectal do Centro-Sul português: informação perceptiva *versus* informação acústica

Fernando Brissos

João Saramago

*Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (Portugal)*

Recibido o 22/04/2014. Aceptado o 16/06/2014

## Resumo

O presente artigo parte dos dados acústicos de Brissos (2014) sobre o Centro-Sul português e divide-se em dois planos: a) sistematização da informação que a literatura tem fornecido sobre ou de interesse para o problema da diversidade dialectal do Centro-Sul português, numa correspondência geográfica linear com a área estudada por Brissos (2014); b) confrontação dessa informação, que é de base perceptiva, com os resultados de Brissos (2014). Os resultados perceptivos dos estudos de caso (estudos que incidem sobre falares ou localidades específicos) concordam com os dados acústicos de Brissos na informação fundamental; permitem por isso sugerir a revisão das ideias que os estudos de classificação dialectal nos têm deixado sobre o Centro-Sul português. Essa sugestão é eficaz porque parte de duas metodologias diferentes (a da dialectologia perceptiva / tradicional e a da dialectologia acústica). São metodologias de que a dialectologia actual não deve abdicar; deve ser abandonada a exclusividade da dialectologia perceptiva e ser utilizada, no estudo da fonética dialectal, uma perspectiva de complementaridade entre informação perceptiva e informação acústica.

## Palabras chave

Dialectologia perceptiva / tradicional, dialectologia acústica, classificação dos dialectos do Centro-Sul português

## Sumário

1. Introdução. 2. O Centro-Sul português nos estudos de panorama. 3. A informação dos estudos de caso. 3.1. Comentário ao mapa 6. 3.1.1. Palatalização de /u/. 3.1.2. Palatalização contextual de /a/. 3.1.3. Palatalização de /o/ proveniente da monotongação de [oj], [ow]. 3.1.4. Velarização (labialização) de /e/. 3.2. Comentário ao mapa 7. 3.2.1. Velarização de /a/. 3.2.2. Fechamento (elevação) de /o/. 3.2.3. Abertura (abaixamento) de /o/. 3.2.4. Fechamento (elevação) de /a/. 3.3. Comentário ao mapa 8. 3.3.1. Abertura (abaixamento) de /e/. 3.3.2. Abertura (abaixamento) de /e/ proveniente da monotongação de [ej], [ew]. 3.3.3. Abertura (abaixamento) de /e/. 3.3.4. Ditongação decrescente de /e/ ou /e/ > [ej], [ej]. 3.3.5. Ditongação crescente de /e/ ou /e/ > [je], [je]. 3.4. Síntese. 4. Conclusão.

## The problem of central-southern Portuguese dialectal diversity. Auditory information *versus* acoustic information

## Abstract

This paper is based on acoustic data presented by Brissos (2014) for central-southern Portuguese dialects. It is divided into two main parts. 1, A review of the information found in the literature addressing or relevant to the problem of central-southern Portuguese dialect diversity. The geographical area under consideration corresponds to that studied in Brissos (2014). 2, Comparison of that information, which is based on impressionistic data, with the results presented in Brissos (2014). Auditory phonetic data on specific dialects or local speech varieties leads to the same basic conclusions as Brissos' data. This suggests a revision of some of the ideas stated in studies of the dialect classification of central-southern Portuguese. This conclusion is reinforced by the fact that it is based on two different methods: that of impressionistic (i.e., traditional) dialectology, and that of acoustic dialectology. Both methods should be used in a complementary manner in present-day dialectology; the study of phonetic aspects of dialects cannot be based on impressionistic descriptions alone, as has traditionally been the case.

## Keywords

Perceptual dialectology, acoustic dialectology, classification of central-southern Portuguese dialects

## Contents

1. Introduction. 2. Descriptions of central-southern Portuguese in studies of the classification of Portuguese dialects. 3. Information in studies of specific dialects or local varieties. 3.1. Comments on map 6. 3.1.1. Fronting of /u/. 3.1.2. Contextual fronting of /a/. 3.1.3. Fronting of /o/ from the monophthongization of [oj], [ow]. 3.1.4. Backing (or rounding) of /e/. 3.2. Comments on map 7. 3.2.1. Backing of /a/. 3.2.2. Closing of /o/. 3.2.3. Opening of /o/. 3.2.4. Closing of /a/. 3.3. Comments on map 8. 3.3.1. Opening of /e/. 3.3.2. Opening of /e/ from the monophthongization of [ej], [ew]. 3.3.3. Opening of /e/. 3.3.4. Falling diphthongization of /e/ or /e/ > [ej], [ej]. 3.3.5. Rising diphthongization of /e/ or /e/ > [je], [je]. 3.4. Summary. 4. Conclusion.

## 1. INTRODUÇÃO

1. Brissos (2014) faz a caracterização acústica dos sistemas vocálicos tónicos de treze pontos de inquérito do *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza* (ALEPG<sup>1</sup>) localizados no Centro-Sul português (ver mapa 1). Aí, é patente diversa informação nova, nomeadamente a ocorrência, fora das áreas onde seriam esperados, de vários dos traços que, no seguimento de Cintra (1983b), são apontados para caracterizar as regiões subdialectais supostamente idiossincráticas do Centro-Interior e do Sudoeste portugueses (cf. Brissos 2014, 4; abordaremos no ponto 2, em pormenor, a classificação dialectal de Cintra). Essa informação culmina na sugestão de maior unidade dialectal, naquela área, do que tem sido apontado (a começar pela classificação dialectal de Cintra; desenvolveremos esta questão nos pontos 2 e 4). Os principais resultados de Brissos (2014) estão sistematizados nos mapas 2 e 3.

Os fenómenos patentes nesses mapas são verificados nas variações dos valores Hertz dos primeiros três formantes vocálicos dos sistemas linguísticos de cada um dos pontos de inquérito; no quadro 1 estão apresentados esses valores. A partir desses valores são construídas as cartas de formantes das figuras 1 a 4, que sistematizam os treze pontos de inquérito em quatro grupos, de acordo com o tipo de *u* tónico que se encontra em cada um deles. O *u* tónico é, como veremos no ponto 2, uma vogal decisiva para a caracterização dos dialectos portugueses su-listas: é o fenómeno da *palatalização* (i.e. anteriorização) dessa vogal que Cintra (1983b) utiliza para identificar e delimitar as duas regiões subdialectais destacadas do conjunto do Centro-Sul (as já mencionadas variedades do Centro-Interior e do Sudoeste).

Remetemos para Brissos (2014) para o desenvolvimento e a explicação detalhada de cada um dos fenómenos patentes nos mapas 2 e 3. Remetemos também para esse artigo para a descrição e justificação pormenorizada da metodologia empregada na obtenção dos dados acústicos; indicaremos contudo os principais aspectos a considerar a esse respeito:

- 1) Os dados provêm do arquivo sonoro do ALEPG, como foi referido, e integram-se no *Atlas Acústico do Vocalismo Tónico Português* (AVOC), projecto que faz a cartografia dialectal dos sistemas vocálicos tónicos orais dos dialectos portugueses continentais (veja-se o seu website, indicado nas Referências Bibliográficas). À data do artigo, o AVOC ainda não se assumia como projecto específico e por isso não surge mencionado como tal nesse trabalho.
- 2) Em cada ponto de inquérito foi seleccionado como alvo da recolha de exemplos das vogais tónicas orais o informante masculino adulto mais representativo do sistema linguístico respectivo.
- 3) Os exemplos ocorrem em frases declarativas (entoação normal) de fala preferencialmente espontânea (e não leitura de palavras, resposta repetitiva a uma série de perguntas, etc.).
- 4) Os exemplos foram produzidos em sílabas CV de ataque não ramificado com quatro pontos de articulação: bilabial (i.e. consoantes /p,b,m/), álveo-dental (/t,d,n,s,z,r,l/), palatal (/ʃ,ʒ,ʎ,n/) e velar (/k,g/). Foram apenas excluídos, portanto, dois pontos de articulação: (i) o lábio-dental, que seria representado pelas consoantes /f,v/, a última das quais, contudo, não existindo em extensas áreas do Centro e Norte de Portugal, e por isso não possibilitando o enfoque pandialectal pretendido pelo AVOC; e (ii) o uvular, apenas representado por uma consoante nos dialectos portugueses, /R/, que tem ainda menos existência nesses dialectos do que /v/.
- 5) O contexto seguinte à vogal foi também, supletivamente, controlado; cf. o inventário desses contextos e o tipo de controlo efectuado em Brissos (2014).
- 6) Em cada exemplo de cada vogal foram medidos os primeiros três formantes, que são os necessários para a caracterização das diferentes qualidades vocálicas das línguas do mundo (Ladefoged / Disner 2012: 39-47, etc.).

<sup>1</sup> Veja-se sobre o ALEPG, projecto de cartografia dialectal de Portugal e da Galiza: a sua página web, <http://www.clul.ul.pt/en/research-teams/205-linguistic-and-ethnographic-atlas-of-portugal-and-galicia-alepg?showall=1> [20/03/2014]; o seu questionário, vol. I (ver Referências Bibliográficas); Saramago (2006); Gottschalk (1977).

2. Impõe-se, no seguimento da informação nova trazida pelos dados de Brissos (2014), o confronto metódico dos resultados respectivos com os da literatura. O presente trabalho parte desse facto e concretiza-se em torno dos seguintes objectivos específicos:

- 1) Os dados da literatura são, por defeito, de base perceptiva<sup>2</sup>: até hoje, com excepção dos estudos dedicados ao português padrão por Delgado-Martins (1973/2002) e Escudero *et al.* (2009), apenas uma localidade de Portugal continental teve o seu vocalismo descrito em termos acústicos: Sagres, por Segura (1987). Interessa confrontar dados de natureza acústica e dados de natureza perceptiva, pois surgem daí conclusões importantes a nível metodológico.
- 2) Se foi, até hoje, feito um número considerável de descrições dialectais de localidades e falares de Portugal continental, essas descrições são frequentemente pouco acessíveis; têm sido publicadas em monografias de difusão reduzida ou mesmo, numa grande proporção, sido apresentadas apenas em dissertações inéditas submetidas em Universidades. Interessa sistematizar e publicar esse corpo de conhecimentos e confrontá-lo com dados novos que os complementam e que, igualmente, são complementados por eles; os resultados de Brissos têm de ser postos à prova pelo maior número possível de pontos de inquérito.
- 3) Esses mesmos resultados têm, ainda, de ser examinados à luz das informações que os estudos de conjunto dos dialectos portugueses (as propostas de classificação dialectal) fornecem. A derivação de conclusões a partir dos dados de Brissos pode ser influenciada pelas informações desses estudos, que têm uma perspectiva *superior* e total da variação dialectal — ou seja, não se restringem a um subconjunto dos dialectos portugueses. De igual modo, aqueles dados podem retribuir a influência e interferir nas conclusões dos estudos de conjunto.

Passamos a ver toda a informação que a literatura nos fornece sobre a área estudada por Brissos (2014).

## 2. O CENTRO-SUL PORTUGUÊS NOS ESTUDOS DE PANORAMA (I.E. PROPOSTAS DE CLASSIFICAÇÃO DIALECTAL)

1. Adoptaremos neste trabalho a terminologia e a proposta de classificação dialectal de Lindley Cintra ("Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses": Cintra 1971/1983b), a mais recente e a única exclusivamente baseada em critérios linguísticos. Para o período anterior a Cintra há a mencionar as propostas de Vasconcelos (1893 [separata 1897], 1901/1970 e 1929 — esta uma reedição, "com alterações", da proposta de 1893), a de Boléo / Silva (1962/1974; (o mapa respectivo tinha já sido publicado em 1958, no *Atlas de Portugal* de Amorim Girão) e a de Vázquez Cuesta / Luz (1971/1980, cap. "Estado actual do Português na Península Ibérica"). Para a crítica dessas propostas, os comentários que Cintra (1971/1983b: 122-139) lhes dedica permanecem definitivos, com as ressalvas menores que Brissos (2012: 15, n. 13) aponta.

Desde a sua publicação, a proposta de Cintra tem sido, no que diz respeito aos dialectos exclusivamente portugueses (os que nos interessam aqui), seguida de forma quase unânime. Pode falar-se de uma *tradição da Nova Proposta*, isto é, da tradição de publicação de estudos que fazem o panorama dos dialectos portugueses seguindo Cintra com acertos apenas de pormenor, respeitantes, fundamentalmente, ao inventário de traços que permitem identificar determinadas variedades. Os principais estudos dessa tradição são: Cunha / Cintra (1984, cap. 2 "Domínio actual da língua portuguesa"); Ferreira *et al.* (1996); Ferreira (1996); Segura / Saramago (2001); Segura (2013).

<sup>2</sup> O sentido em que utilizamos a expressão *dialectologia* (ou equivalente) *perceptiva* corresponde ao sentido tradicional, ou seja, à designação "dialectologia tradicional" ou "impressionística". Não corresponde, por isso, à moderna corrente da "dialectologia perceptual", i.e. à dialectologia que analisa a perspectiva do não especialista sobre a variação dialectal (Preston 1989), ainda muito pouco implantada nos estudos dialectais portugueses.

Utilizaremos aqui Cintra (1983b) e a sua última revisão, feita por Segura (2013) com recurso a materiais oriundos do ALEPG. Depois de analisarmos o contributo desses estudos, veremos o das propostas de classificação anteriores à *Nova Proposta*.

2. Cintra divide o país em duas áreas macro-dialectais: Norte — "dialectos portugueses setentrionais" — e Centro-Sul — "dialectos portugueses centro-meridionais". O português padrão localiza-se a Sul e, desse modo, a maior parte dos traços utilizados para o estabelecimento dos grupos referidos está indexada ao Norte e não ao Sul; cf. Cintra (1983b: 142 ss. e mapa 2, onde a proposta é concretizada, reproduzido adiante como mapa 4).

Ambos os grupos são bipartidos em, respectivamente: (i) "dialectos transmontanos e alto-minhotos" e "dialectos baixo-minhotos-durienses-beirões"; e (ii) "dialectos do centro-litoral" e "dialectos do centro-interior e do sul". Essa subdivisão dos grupos principais parte das condições de verificação de determinados traços que serviram já para o estabelecimento da identidade Norte ~ Sul (cf. Cintra 1983b: 150 ss.).

Cintra acrescenta um outro tipo de subdivisão dialectal, que não se prende com os grupos dialectais primários (Norte ~ Centro-Sul) e secundários (bipartição dos primários) — as divisões superiores —, mas com variedades dialectais que, embora incluídas naqueles, constituem "regiões subdialectais com características peculiares bem diferenciadas". Trata-se, portanto, de áreas subdialectais que, sendo incluídas nos grupos primários e secundários, têm uma personalidade linguística que leva a que se destaquem do macro-conjunto a que pertencem. Essas áreas são três: a "variedade do Baixo Minho e Douro Litoral", a "variedade da Beira Baixa e Alto Alentejo" e a "variedade do Barlavento do Algarve". Os inventários dos traços linguísticos que, segundo Cintra (1983b), as individualizam estão, respectivamente, a pp. 153, 155-156 e 157-158. Esses traços e todos os outros que Cintra utiliza são de ordem fonética; no caso destas três variedades, os traços respeitam ao vocalismo, fundamentalmente ao tónico.

A variedade de Entre-Douro-e-Minho está localizada no grupo dos dialectos setentrionais; a do Barlavento algarvio nos dialectos centro-meridionais; e a do Centro-Interior, maioritariamente, também nesse grupo. É o confronto destas duas (i) entre si e (ii) com o resto do português sulista que, no seguimento da área abrangida pelo estudo acústico de Brissos (2014), nos interessa aqui.

3. Os traços identificadores das duas "regiões subdialectais com características peculiares bem diferenciadas" localizadas a Sul são, de acordo com Segura (2013):

- a) Variedade da Beira Baixa e Alto Alentejo (pp. 102-103) — 1) a realização palatalizada da vogal correspondente ao *u* tónico do português padrão, em vários graus entre [y] e [ʏ], como em [tʰydʲ] 'tudo', [lʰʏ] 'lua'; 2) a palatalização de *a* tónico em e de timbre correspondente (oral ou nasal, fechado ou aberto) "quando na sílaba pretónica existem (ou existiram) as vogais altas [i], [i̯], [u] ou [u̯] [...] ou as semivogais correspondentes [j] e [w] [...]"; e.g. [pizʲeði] 'pisado', [sefʲer] 'ceifar', [kurʲel] 'curral', [røβʲer] 'roubar'; 3) a realização palatalizada, em [ø], do antigo ditongo [ow], e.g. [røβʲer] 'roubar', [tʰø] 'touro'; 4) o arredondamento (com abaixamento) de /e/ tónico, e.g. [kuzʲær] 'cozer', [sʲæft] 'cesto' (alguns estudos têm classificado este fenómeno mais como *velarização* — i.e. recuo articulatorio — do que próprio *arredondamento*: cf. e.g. Brissos 2012: 59); 5) a apócope ou realização

<sup>3</sup> Seguiremos neste artigo a notação fonética do International Phonetic Alphabet (IPA) (versão revista de 2005), com um par de excepções. Em primeiro lugar, a indicação do acento principal da palavra, que, à semelhança do que acontece em muitos atlas linguísticos — como o ALEPG, cujos materiais são aqui utilizados —, colocaremos antes da vogal acentuada e não antes da sílaba acentuada. Em segundo lugar, a representação das semivogais / glides; alguns linguistas defendem o recurso aos símbolos [j] [ɥ] como forma de representação da glide ou semivogal dos ditongos decrescentes do português, e não as aproximantes [j] e [w]. Lacerda / Hammarström (1952), Boléo / Silva (1962/1974) e Cintra (1970/1983a) estão entre eles e, também, o próprio IPA, que recorre ao diacrítico [̥] para representar um som não consonântico não silábico. No entanto, na tradição portuguesa, a partir dos anos 1960' (Morais Barbosa 1965, Mateus 1975, Andrade 1977, Cunha e Cintra 1984, Mateus / Andrade 2000), a forma corrente de transcrição fonética das semivogais passou a ser com os símbolos [j] e [w]. Foi esta a notação adoptada pelo ALEPG, razão pela qual é igualmente utilizada no presente artigo.



como vogal neutra / schwa da vogal final átona grafada <o> (português padrão [u]), e.g. [k'ɔp] 'copo', [tr'õki] 'tronco'.

- b) Variedade do Barlavento do Algarve (pp. 104-105) — O nexa geral dos traços desta variedade é o de um “deslocamento em cadeia” do sistema vocálico tónico: 1) [i] do port. padrão, “em certos contextos (nasais e vibrantes)”, tem uma realização mais aberta, do tipo de [ɪ] ou de [e] (e.g. [gɐl'ɛɲɐ] 'galinha', [r'ɪk] 'rico'); 2) [e] é realizado como [ɛ] (e.g. [kab'ɛsɐ] 'cabeça', [diz'ɛr] 'dizer'), a não ser quando em um dos seguintes quatro contextos: quando é o resultado da monotongação do antigo ditongo [ej] (e.g. [l'ɛt] 'leite'), quando é seguido imediatamente de consoante palatal em ataque silábico (e.g. [t'ɛλɐ] 'telha'), quando está numa palavra em que existiu [i] final (vogal hoje inexistente na variedade, ao contrário do padrão; e.g. [r'ɛd] 'rede') e quando está em posição final absoluta (e.g. [v'ɛ] 'vé'); 3) [ɛ], por sua vez, sofre o mesmo condicionamento que [e] e realiza-se como [æ] (e.g. [l'ærvɐ] 'erva', [p'ædrɐ] 'pedra') ou [ɛ] (sendo excepção a esse condicionamento, naturalmente, a monotongação de [ej], que não é aplicável a e aberto); 4) [a] recua para [ɒ], sem condicionantes contextuais (e.g. [m'ɒr] 'mar', [n'ɒtɐ] 'nata'); 5) também sem contexto, [ɔ] fecha em [ɔ̃] ([l'ɔ̃brɐ] 'obra', [k'ɔ̃p] 'copo'); 6) tal como [u] palataliza em [y]. O sistema vocálico tónico do Barlavento algarvio é, assim, /i,e,ɛ,æ,ɒ,ɔ̃,o,y/ (muito diferente do do português padrão: /i,e,ɛ,a,ɔ,o,u/).
- c) Esse inventário de traços barlaventinos, com um par de possíveis excepções — as referências ou não à abertura de [i] e ao fechamento de [ɔ] —, é o clássico da literatura, tal como a interpretação da série de transformações como um deslocamento em cadeia de todo o sistema vocálico (vejam-se p. ex., para além do já citado Cintra 1983b, Lüdtke 1956: 199-200 (*apud* Cintra), Lüdtke 1957: 95-106, Segura 1987, Ferreira 1996: 23, Ferreira *et al.* 1996: 496, Segura / Saramago 2001: 227; é nos autores mais antigos, como Cintra, que aparece a referência ao fechamento de [ɔ]). Segura acrescenta a esse inventário, no entanto, três fenómenos: (i) a ditongação de *a* final tónico em *au*, e.g. [p'ɒw] 'pá', [m'ɒw] 'má'; (ii) a monotongação de [ɛw] final tónico do português padrão em [æ], e.g. [ʃɐp'æ] 'chapéu', [v'æ] 'véu'; e (iii) a elisão das vogais átonas finais [u] e [i] do padrão (<o>, <e>), e.g. [s'ɛd] 'cedo', [s'ed] 'sede'.

### 3: Segura e Cintra divergem nos seguintes aspectos:

- a) Variedade da Beira Baixa e Alto Alentejo — (i) a palatalização de *a* dá-se, segundo Cintra, quando a vogal está “em contacto com consoante ou semivogal palatal ou quando, na sílaba anterior, se encontra ou encontrou uma das vogais ou semivogais átonas *i* ou *u*” (p. 156) — Segura exclui da regra de Cintra o contacto com consoante ou semivogal palatal<sup>4</sup>; (ii) Segura refere apenas a labialização de *e* fechado, e não, como Cintra, também a de *e* aberto; (iii) Segura indica a elisão ou evolução para [i] do [u] átono final do padrão, grafado <o>; Cintra não deixa de se referir a esse traço, bem como ao relacionável da elisão de [i] átono final (grafado <e>), mas fá-lo apenas em nota: “[Lüdtke 1957] distingue vários dos sistemas tónicos a que a transformação [verificada nos dialectos da Variedade da Beira Baixa e Alto Alentejo] nos seus vários graus dá origem e ocupa-se da queda das vogais finais -u, -i (ou -e), *outro dos fenómenos mais típicos desta região, mas cujos limites não coincidem perfeitamente com os dos [restantes fenómenos]*” (pp. 156-157, n. 58; *italico* nosso).
- b) Variedade do Barlavento do Algarve — (i) Segura, ao contrário de Cintra, refere a abertura (contextual) de [i]; (ii) Cintra, ao contrário de Segura, refere o fechamento de [ɔ]; (iii) Segura faz três acrescentos autónomos, que já vimos.

As divergências são, como se pode ver, de pormenor; as concordâncias começam desde logo no facto de Segura não deixar de seguir Cintra na utilização do mesmo traço para delimitar ambas as variedades: a palatalização de *u*.

<sup>4</sup> A regra deste fenómeno não tem obtido consenso: veja-se Brissos (2012: 20 e 54-55).

#### 4. Estudos anteriores à *Nova Proposta*.

Como refere Cintra (1983b: 153), “Desde Leite de Vasconcelos [*que pode ser visto como o fundador da dialectologia científica em Portugal*] que se insiste na menor diferenciação interior existente dentro da zona ocupada pelos dialectos portugueses centro-meridionais”. Isso não quer dizer, contudo, que a existência de personalidades dialectais vincadas dentro daquela zona tenha passado despercebida.

Já na primeira proposta de Leite de Vasconcelos (1893) aparece, de facto, destacada do conjunto a variedade do Centro-Interior, aí referida como “Sub-dialecto de Fundação Castello-Branco [...] até Portalegre” (mapa). Nas outras duas propostas (1901 (1970) e 1929), Leite não destaca, porém, essa região subdialectal, tal como não destaca, em nenhuma das suas propostas, a do Barlavento algarvio; aquelas duas propostas, como é referido por Brissos (2012: 145), “acentuam o carácter fundamentalmente geográfico-administrativo que Leite de Vasconcelos seguia nas suas propostas [de classificação dialectal]”.

É apenas na segunda proposta que Leite descreve e indexa traços linguísticos a zonas ou localidades; nas outras propostas o A. procede simplesmente ao inventário cartográfico das diferentes divisões subdialectais que estabelece, o qual, como foi dito, depende em grande medida de critérios geográfico-administrativos.

A proposta de Boléo / Silva (1974) desce ao nível da descrição linguística, mas, noutro sentido, não deixa de depender demasiado da divisão geográfico-administrativa. Não identifica a variedade do Sudoeste; o “Falar Meridional”, que corresponde à metade inferior do país (“cobre a metade sul do País, abrangendo as três províncias ao sul do Mondego — ou sejam: a Estremadura, o Alentejo e o Algarve” (pp. 334-335; cf. também o mapa da proposta)), contém dois subfalares e uma variedade que se distinguem do conjunto. Trata-se: dos subfalares “Alentejano” (subdividido, por sua vez, no “Alto alentejano” e no “Baixo alentejano”) e “Algarvio” (não subdividido, o que, em contraste com o Alentejano, é significativo); e da “Variedade de Almodôvar e Mértola”. Os AA. identificam, contudo, a variedade (utilizando a terminologia de Cintra) do Centro-Interior: o “Falar de Castelo Branco e Portalegre” (p. 334 & mapa), subdividido em “subfalar de Castelo Branco” e “subfalar de Portalegre”, este estabelecendo a transição com o “Falar Meridional”.

A restante proposta, Vázquez Cuesta / Luz (1980), faz também descrição linguística, mas, na divisão dialectal, estipula apenas três macro-áreas: Norte, Centro e Sul (cf. pp. 58 ss.).

Se fizermos a colação dos traços que Cintra (1983b) e Segura (2013) utilizam para caracterizar as variedades do Centro-Interior e do Barlavento com as descrições das restantes propostas de classificação dialectal que descem ao nível da indexação de fenómenos linguísticos a áreas geográficas — Vasconcelos (1970), Boléo / Silva (1974) e Vázquez Cuesta / Luz (1980) —, obtemos o quadro 2.

Estamos longe de ter, como o quadro demonstra, uma correspondência linear entre a *tradição da Nova Proposta* e a tradição anterior: são mais do que fáceis de encontrar referências à existência, em pontos afastados do país, dos traços utilizados por Cintra e seguidores para caracterizar as variedades do Centro-Interior (CI) e do Sudoeste (SW). Aqui é fundamental ter presentes dois pontos.

- 1) Em primeiro lugar, que não é por um fenómeno se verificar longe de CI e SW que ele deixa de atingir o seu expoente nessas duas ou numa dessas duas áreas; o fenómeno *x* pode verificar-se, a par de CI e / ou SW, também no Minho e na zona de Lisboa, mas mesmo assim atingir o seu nível máximo de intensidade em CI e / ou SW, sendo por isso identificador primário dessas duas áreas e, ao mesmo tempo, ser por elas primariamente identificado.
- 2) Em segundo lugar, que não foi por acaso que a *Nova Proposta* teve aceitação praticamente unânime desde a sua publicação. Explicam-no três razões principais: (i) os dados de Cintra (que têm como base fundamentalmente o *Atlas Lingüístico da Península Ibérica* — ALPI), embora não sendo os ideais, são contudo mais rigorosos cientificamente do que os das outras propostas, que dependem sobretudo (a) no caso de Leite de Vasconcelos, de recolhas assistemáticas *in loco*, (b) de um inquérito feito numa primeira fase por correspondência (enviado a párocos e professores do ensino primário) e numa se-

gunda fase por alunos de letras do ensino superior, no caso de Boléo / Silva (que obteve a designação de Inquérito Linguístico Boléo — ILB<sup>5</sup>), e (c) de informações bibliográficas (portanto não directas), no caso de Vázquez Cuesta / Luz; (ii) o peso dos fenómenos pura e simplesmente linguísticos, que é incomparavelmente maior na *Nova Proposta* (como já aqui se disse, as propostas anteriores dão demasiada importância a factores geográficos e / ou administrativos, em detrimento do que deve ser privilegiado numa classificação dialectal: a própria fenomenologia linguística); (iii) a *Nova Proposta* aproveita uma das maiores virtudes do linguista Lindley Cintra — a sua capacidade de sistematização e simplificação — e resulta um quadro inequívoco, coerente e assinalavelmente simples da variação dialectal de Portugal continental.

Mas não é por a proposta de Cintra ser a melhor, que as outras são más ou não têm interesse; toda a tradição anterior à *Nova Proposta* depende de linguistas com valor indiscutível e conhecido e apresenta dados importantes — uns e outros não necessitam de defesa.

É por isso que o confronto das duas tradições — o desfasamento de informação entre elas — nos leva a colocar a seguinte questão: até que ponto os fenómenos linguísticos que a tradição da *Nova Proposta*, o melhor instrumento de descrição panorâmica dos dialectos de Portugal continental, utiliza para identificar CI e SW se restringem, ou não, a essas áreas subdialectais? Trata-se de áreas definidas como "regiões subdialectais com características peculiares bem diferenciadas" — duas das três existentes no país, segundo a proposta —, pelo que é de esperar um grau muito alto de identificação dos fenómenos com as áreas que são utilizados para caracterizar; ora, no quadro 2 não podemos verificar essa situação. Essa questão, que mexe com os fundamentos da paisagem dialectal sulista portuguesa, torna-se ainda mais interessante se tivermos em conta que, na sequência do que se viu no ponto 1, ela tem transferência directa para os dados acústicos de Brissos (2014). A principal questão que esses dados colocam é precisamente a de uma maior unidade dialectal do Centro-Sul — i.e. uma menor cisão entre CI e SW, por um lado, e entre as duas e o resto do Centro-Sul, por outro — do que, habituados a olhar essa área com os olhos da tradição de classificação dialectal portuguesa, poderíamos esperar.

Para esclarecer essa questão, necessitamos, desde logo, de analisar as informações que os estudos de caso — i.e. descrições dialectais de pontos específicos do país, e não estudos de conjunto ou de panorama — fornecem; é isso que passamos a fazer.

### 3. A INFORMAÇÃO DOS ESTUDOS DE CASO (I.E. DESCRIÇÕES DE FALARES OU LOCALIDADES ESPECÍFICOS)

Analisámos, no âmbito desta secção, os principais estudos de caso sobre falares / localidades da área abrangida por Brissos (2014) e procedemos ao inventário e à cartografia de todos os fenómenos relativos ao vocalismo tónico que relevam para os dados de Brissos e de Cintra (1983b); abrangemos, portanto, todos os factos sobre o timbre das vogais tónicas que são desviantes em relação à Norma. Obtivemos um conjunto de treze traços.

A informação, toda de cariz perceptivo (pois, como vimos, quase não existem dados acústicos relativos aos dialectos portugueses continentais), foi recolhida em: os estudos de Leite de Vasconcelos relevantes; as dezoito dissertações académicas dedicadas a falares que se integram no espaço abrangido; três estudos de carácter monográfico sobre o Algarve, da autoria de G.

<sup>5</sup> A maioria da informação utilizada por Boléo / Silva depende, contudo, dos materiais obtidos por correspondência. — Existe muita informação dispersa na literatura sobre o ILB; as principais referências são: Boléo (1974a), Boléo (1974b: 66-93 ("Apêndice")), Boléo (1974c ("Lista alfabética dos vocábulos do questionário do inquérito linguístico e aditamentos posteriores")), Boléo (1974d (onde se encontra o inventário das localidades abrangidas pelo ILB)) e Boléo (1978: IV-XI ("Prefácio")). O ILB, projecto pioneiro em Portugal e, convém não esquecer, o segundo maior projecto de cartografia dialectal português (que durou de 1943 a 1974), tem, pelas suas características (uma rede muito densa de localidades — superior a 2500 — mas com materiais constituídos por pessoas que, geralmente, tinham preparação insuficiente para o efeito), um valor elevado para o estudo do léxico, mas não tanto para o estudo das áreas gramaticais propriamente ditas: cf. Brissos (2012: 47-48).



Hammarström, H. Lüdtke e C. Maia — sendo que Lüdtke trata também da região de Portalegre. O mapa 5 indica as localidades que os nossos dados abrangem e os estudos que descrevem os falares respectivos. Os estudos distribuem-se, como se vê, por um período de tempo largo.

Para facilitar a apreensão da distribuição territorial de cada um dos fenómenos, apresentamos os mapas 6, 7 e 8, que dão a sua distribuição geográfica. Comentaremos esses mapas e, depois, procederemos a uma visão de síntese.

### 3.1. Comentário ao mapa 6

#### 3.1.1. Palatalização de /u/ (tendo como resultado um som semelhante ao [y] francês)

No distrito de Portalegre, este fenómeno foi referenciado nas seguintes localidades: Nisa (1), Montalvão (1a), Póvoa e Meadas (1b), Gavião (2), Belver (2a), Atalaia (3), Castelo de Vide (4), Beira (4a), Tolosa (5), Alpalhão (6), Escusa (7), Marvão (8), Fortios (9), Montes Paleiros (9a), Portalegre (10), Alter do Chão (13), Flor da Rosa (13a) e Chanca (13b); no Baixo Alentejo, em Mértola (62); no Algarve, em Odeleite (71)<sup>6</sup>, Marmeleite (72), Monchique (74), Alte (75), Silves (76), Gorjões (80), Mesquita Baixa (81), Vila do Bispo (84), Sagres (85), Lagos (86), Alvor (86a), Olhão (89) e Santa Luzia (91).

A realização palatal de /u/ foi referida em 32 localidades: 18 no distrito de Portalegre (56,25%), 1 em Beja (3,12%) e 13 (40,63%) no Algarve. Em Portalegre, o fenómeno verifica-se numa área compacta que abrange parte do Centro e o Norte do distrito. Mértola aparece como uma ilhota entre as outras duas áreas. Por sua vez, no Algarve o fenómeno aparece mais disperso, sendo de salientar as cinco localidades do sotavento que apresentam /u/ palatalizado.

#### 3.1.2. Palatalização contextual de /a/ (tendo como resultado [ɛ] ou [æ])

A literatura existente sobre este fenómeno aponta para determinados contextos que favorecem a realização da central /a/ como uma anterior média [ɛ] ou, raramente (mas nos mesmos contextos), aberta [æ]. Assim, em palavras que apresentem a vogal /i/, /u/ ou as respectivas semivogais na sílaba pretónica, verifica-se a realização palatal daquele fonema: [fik'ɛr] 'ficar', [fúm'ɛr] 'fumar'; também quando o /a/ é precedido de [ʃ] [ʒ] [ɲ] [ɫ] o fenómeno ocorre: [mɐʃ'ɛðu] 'machado', [ʒ'ɛ] 'já', [amɲ'ɛ] 'amanhã', [mɐʎ'ɛr] 'malhar'; no Algarve, a palatalização ocorre também quando na sílaba pretónica existe [r] ou [gr]: [bɐr'ɛkɐ] 'barraca' (Bordeira e Fuseta), [iɣr'ɛtɐ] 'ingrata' (Patacão). No caso das vogais altas e das consoantes palatais, a palatalização ocorre por um fenómeno de harmonização vocálica em que se verifica um processo assimilativo por parte da vogal acentuada.

A palatalização de /a/ foi referenciada nas seguintes localidades: no distrito de Portalegre, Nisa (1), Montalvão (1a), Póvoa e Meadas (1b), Gavião (2), Tolosa (5), Escusa (7), Marvão (8), Fortios (9), Alegrete (11), Ponte de Sor (12), Alter do Chão (13), Avis (15), Fronteira (16), Sousel (18); no distrito de Setúbal, Grândola (45); no distrito de Beja, Serpa (55) e Baleizão (51); no Algarve, Alcoutim (67), Odeleite (71), Marmeleite (72), Alte (75), Bordeira (82), Patacão (83), Olhão (89) e Fuseta (90).

Este fenómeno encontra-se em 25 localidades: 14 (56%) em Portalegre, 1 (4%) em Setúbal, 2 em Beja (8%) e 8 (32%) no Algarve. Nas duas áreas que apresentam maior frequência do fenómeno, ele encontra-se mais disperso do que ocorreu para o /u/ palatal. Verifica-se igualmente uma maior ocorrência do fenómeno no Sotavento algarvio.

#### 3.1.3. Palatalização de /o/ proveniente da monotongação de [oj], [ow] (tendo como resultado um som semelhante a [ø], como no francês *feu*)

A palatalização de /o/ apenas ocorre no distrito de Portalegre: Nisa (1), Montalvão (1a), Póvoa e Meadas (1b), Gavião (2), Belver (2a), Castelo de Vide (4), Beira (4a), Tolosa (5), Alpalhão (6), Escusa (7), Marvão (8), Fortios (9), Montes Paleiros (9a), Alter do Chão (13) e Chanca (13b).

<sup>6</sup> Em Odeleite, a palatalização de /u/ ocorre junto à lateral alveolar e à vibrante múltipla.

O fenómeno deve-se a um processo de harmonização vocálica, despoletado pelo grau de abertura das duas semivogais ([+ alto]). A área ocupada por este fenómeno é praticamente idêntica à do /u/ palatal.

#### 3.1.4. Velarização (labialização) de /e/ (tendo como resultado um som semelhante a [œ], como no francês *peur*)

As localidades onde o fenómeno ocorre são as seguintes: em Portalegre, Nisa (1), Montalvão (1a), Póvoa e Meadas (1b), Gavião (2), Belver (2a), Castelo de Vide (4), Beira (4a), Tolosa (5), Alpalhão (6), Escusa (7), Marvão (8), Fortios (9), Montes Paleiros (9a), Alter do Chão (13) e Chanca (13b); no Algarve, Odeleite (71) e Lagos (86). No Algarve, as referências indicam que a velarização acontece quando a vogal é precedida de bilabial.

Como se pode verificar, exceptuando os dois pontos algarvios, a velarização de /e/ está referenciada em 15 localidades de Portalegre e a sua área de dispersão não difere muito da área da palatalização de /o/ e de /u/.

### 3.2. Comentário ao mapa 7

#### 3.2.1. Velarização de /a/ (tendo como resultado um som semelhante a [ɒ], como no inglês *not*)

A velarização de /a/ encontra-se: no distrito de Portalegre, Nisa (1), Montalvão (1a), Póvoa e Meadas (1b), Castelo de Vide (4), Tolosa (5), Escusa (7), Fortios (9) e Portalegre (10); no distrito de Beja, Baleizão (51); no Algarve, Marmeleite (72), Fóia (73), Monchique (74), Alte (75), Silves (76), Gorjões (80), Vila do Bispo (84), Sagres (85), Lagos (86), Alvor (86a), Albufeira (88) e Olhão (90).

Em Escusa e Fortios, o fenómeno verifica-se depois de consoante velar, labial ou nasal.

O fenómeno ocorre em 21 localidades: 8 (38,1%) em Portalegre, 1 (4,8%) em Beja e 12 (57,1%) no Algarve. É no Algarve que se verifica uma maior frequência desta velarização, com incidência na área do Barlavento (apenas duas ocorrências no Sotavento). Baleizão é ponto único no Alentejo e, em Portalegre, a área é mais ou menos homogênea.

#### 3.2.2. Fechamento (elevação) de /o/ (tendo como resultado um som semelhante a [u])

Este fenómeno ocorre de modo esporádico nas seguintes localidades: em Portalegre, Escusa (7); no Algarve, Odeleite (71), Fóia (73), Monchique (74), Alte (75), Silves (76), Patação (83), Sagres (85), Lagos (86), Alvor (86a) e Olhão (89).

Em Odeleite e Lagos, o fenómeno ocorre em contacto com consoante labial.

Excepção feita a Escusa, o fechamento de /o/ aparece apenas no Algarve, com maior frequência na zona do Barlavento.

#### 3.2.3. Abertura (abaixamento) de /o/ (tendo como resultado um som semelhante a [ɔ])

O fenómeno apenas ocorre no Algarve; com a excepção de Marmeleite, ocorre mesmo só no Sotavento algarvio. As localidades são as seguintes: Alcoutim (67), Odeleite (71), Marmeleite (72), Mesquita Baixa (81), Bordeira (82) e Monte Gordo (92).

Nos casos de Bordeira e Alcoutim, apenas se verifica em palavras paroxítonas terminadas em -a: [siβ'ɔɫɐ] 'cebola', [f'ɔɾmɐ] 'forma (cincho do queijo)', [fɐɾ'ɔβɐ] 'alfarroba'.

#### 3.2.4. Fechamento (elevação) de /ɔ/ (tendo como resultado um som semelhante a [o])

Este fenómeno ocorre em Portalegre na localidade de Escusa (7), em casos esporádicos. No Algarve, já apresenta uma maior vitalidade: Odeleite (71), Fóia (73), Monchique (74), Alte (75), Silves (76), Gorjões (80), Sagres (85), Lagos (86) e Olhão (89).

Maia (1975: 19) afirma que este fenómeno ocorre “mais ou menos em todo o Algarve, mas a sua frequência atinge particular incidência em Alte. [...] É certo que no ocidente da província, a partir de Alte, [estas realizações] são mais frequentes, são mesmo habituais”. O mapa parece confirmar esta constatação.

### 3.3. Comentário ao mapa 8

#### 3.3.1. Abertura (abaixamento) de /e/ (tendo como resultado um som semelhante a [ɛ])

A abertura de /e/ ocorre nas seguintes localidades: em Portalegre, Nisa (1) e Tolosa (5); em Évora, Terena (37); em Beja, Castro Verde (60), Mértola (62), São Bartolomeu de Via Glória (65) e Almodôvar (66); no Algarve, Odeleite (71), Marmeleite (72), Fóia (73), Alte (75), Silves (76), Bordeira (82), Patação (83), Sagres (85), Lagos (86), Alvor (86a) e Albufeira (88).

Este fenómeno encontra-se representado em 18 localidades e, em relação aos fenómenos anteriormente analisados, apresenta uma maior repartição geográfica: em Portalegre 2 (11,1%), em Évora 1 (5,5%), em Beja 4 (22,2%) e no Algarve 11 (61,2%). No Alentejo a abertura de /e/ está concentrada no interior do Baixo Alentejo, enquanto no Algarve, ela está dispersa pela totalidade do território.

#### 3.3.2. Abertura (abaixamento) de /e/ proveniente da monotongação de [ej], [ew] (tendo como resultado um som semelhante a [ɛ])

Esta abertura de /e/ foi referida: em Portalegre, Nisa (1) e Tolosa (5); em Beja, Aldeia Nova de S. Bento (56) e Mértola (62); no Algarve, Marmeleite (72), Lagos (86) e Lagoa (87).

Em Aldeia Nova de S. Bento o fenómeno ocorre apenas nos pronomes *eu, meu, teu, seu* em posição proclítica.

Trata-se de um traço com baixa frequência: 2 pontos em Portalegre, 2 em Beja e 3 no Algarve (Barlavento).

#### 3.3.3. Abertura (abaixamento) de /e/ (tendo como resultado um som semelhante a [æ])

O traço foi detectado: em Portalegre, Nisa (1), Tolosa (5), Escusa (7) e Fortios (9); em Beja, Beja (52), Castro Verde (60), Mértola (62), Santana de Cambas (63) e São Bartolomeu de Via Glória (65); no Algarve, Odeceixe (68), Aljezur (69), Alcoutim (67), Odeleite (71), Marmeleite (72), Fóia (73), Monchique (74), Alte (75), Silves (76), Loulé (77), São Brás de Alportel (78), Vila do Bispo (84), Sagres (85), Lagos (86), Alvor (86a), Lagoa (87), Albufeira (88) e Santa Luzia (91).

Em Escusa, /e/ > /æ/ sobretudo quando precede [κ], [l] e [r]: [ʃɐru'æk] 'charrueco', [mɐrm'æɫ] 'marmelo', [t'æɾɐ] 'terra'. Em Odeleite, o fenómeno dá-se quando a vogal é seguida de [l], [r], [r] — [p'æli] 'pele', [t'æɾɐ] 'era', [f'æru] 'ferro' — ou [ʃ] em sílaba travada — [t'æʃtɐ] 'esta'.

A abertura de /e/ é o fenómeno que apresenta a maior frequência: 27 pontos do mapa. Encontra-se repartido por Portalegre, 4 (14,8%), por Beja, 5 (18,5%) e pelo Algarve, 18 (66,7%). De realçar que, em Beja se verificou um maior número de ocorrências do que em Portalegre. No Algarve, a região de Barlavento apresenta uma maior densidade de pontos em relação ao Sotavento.

#### 3.3.4. Ditongação decrescente de /e/ ou /e/ > [ej], [ej]

Trata-se de um fenómeno que tem uma reduzida extensão territorial. Apenas se verifica em três pontos, todos no distrito de Portalegre: Nisa (1), Castelo de Vide (4) e Fortios (9). Exemplos: [s'ejd] 'cedo', [t'ējɐ] 'tempo', [kɐβ'ejsɐ] 'cabeça', [aɫm'ejs] 'almece'.

### 3.3.5. Ditongação crescente de /e/ ou /ɛ/ > [je], [jɛ]

O Alandroal (34), é a única localidade onde o fenómeno foi referido. O contexto mais propiciador para a sua ocorrência é quando precedido de consoante velar: [kʲ'eʒu] 'queijo', [kʲ'ɛt] 'quente', [gʲ'ɛrɐ] 'guerra'.

## 3.4. Síntese

Os dados que vimos demonstram quatro pontos fundamentais:

- 1) É claro que existe maior concentração dos fenómenos no Sudoeste e no Centro-Interior, mas
- 2) não é menos claro que não existe exclusividade dos fenómenos nessas duas áreas; o grau de dispersão dos mesmos é evidente e importante.
- 3) Não parece possível, aliás, identificar, a partir dos mapas, uma variedade dialectal bem diferenciada do conjunto no Sudoeste: a dispersão dos traços por todo o Algarve é forte. Os mapas apontam, isso sim, para uma *exponenciação*, no Barlavento, de caracteres que são mais ou menos transversais ao Algarve.
- 4) Se deixarmos o panorama do Centro-Sul de lado e considerarmos apenas as áreas definidas como idiossincráticas pelos estudos de conjunto, Sudoeste e Centro-Interior, vemos também dispersões significativas:
  - a) Traços utilizados pelos estudos de conjunto para caracterizar o Centro-Interior e apenas o Centro-Interior:
    - i) Palatalização contextual de *a* tónico — registada no Sudoeste, em um ponto (Marmeleite);
    - ii) Existência de *o* palatalizado proveniente dos ditongos tónicos históricos [ow] e [oj] — não registada no Sudoeste;
    - iii) Velarização / labialização de /e/ tónico — registada num ponto do Sudoeste (Lagos; depois de consoante bilabial).
  - b) Traços utilizados pelos estudos de conjunto para caracterizar o Sudoeste e apenas o Sudoeste:
    - i) Velarização de /a/ tónico — registada em vários pontos do Centro-Interior (Nisa, Montalvão, Póvoa e Meadas, Castelo de Vide, Tolosa, Escusa, Fortios e Portalegre);
    - ii) Fechamento de /o/ tónico — registado num ponto do Centro-Interior (Escusa);
    - iii) Fechamento de /ɔ/ tónico — igual ao ponto anterior;
    - iv) Abertura de /e/ tónico — registado em dois pontos do Centro-Interior (Nisa e Tolosa);
    - v) Abertura de /ɛ/ tónico — registado em vários pontos do Centro-Interior (Nisa, Tolosa, Escusa e Fortios).

Esses quatro pontos são eficientemente visualizáveis nos mapas 9, 10 e 11. No mapa 9, procede-se a uma visão de conjunto sobre a distribuição dos 13 traços estudados, tendo em conta a sua frequência em cada um dos pontos onde eles foram registados<sup>7</sup>; no mapa 10 aplica-se o mesmo princípio mas utilizam-se apenas os traços referenciados por Segura (2013) para identificar a variedade da Beira Baixa e Alto Alentejo; no mapa 11 segue-se, uma vez mais, essa metodologia, agora utilizando os traços com que Segura (2013) identifica a variedade do Barlavento do Algarve. Se no mapa 9 vemos a dispersão geral de que falámos, nos mapas 10 e 11, para além de não deixarmos de ver essa dispersão, está também patente a grande semelhança entre as duas áreas mais extremas geograficamente da área que consideramos: Algarve e distrito de Portalegre.

<sup>7</sup> Excepção feita a Nisa, as cores atribuídas a cada um dos pontos seguem o seguinte parâmetro: aos pontos que apresentem até 6 dos traços é atribuída uma das cores 'quentes', aos restantes, cores 'frias'.

## 4. CONCLUSÃO

1. Os quatro pontos referidos na síntese dos dados dos estudos de caso (3.4), quando confrontados com a informação que vimos no ponto 2 (sistematizada, na sua maior parte, no quadro 2), derivam na seguinte conclusão geral: os estudos de caso registam significativamente mais semelhanças e intersecções do que os estudos de panorama entre, por um lado, Centro-Interior, Sudoeste e o resto do Centro-Sul e, por outro lado, Centro-Interior e Sudoeste um com o outro.

As informações perceptivas dos estudos de caso vão assim, de acordo com o que foi visto em 1, exactamente ao encontro dos dados acústicos de Brissos (2014), que refere que “One can say that the geographic gap between CI and SW is like a bridge, and in several features the detached vocalic systems of those areas appear to belong to superior central-southern Portuguese tendencies. That is, those vocalic systems seem to be dependent on general or broader linguistic processes” (Brissos 2014, 4). É esta a resposta à questão que colocámos no final do ponto 2: numa perspectiva geral, ou seja, tomando os sistemas vocálicos do Centro-Sul no conjunto e não apenas em um traço específico, os vocalismos destacados — ninguém lhes retira o seu destaque, que é evidente — do Centro-Interior e do Sudoeste apresentam-se como exponenciações de uma superior unidade dialectal do Centro-Sul, e não como factos isolados do conjunto. Parece portanto que devemos rever a imagem que os estudos de classificação dialectal nos têm deixado do Centro-Sul.

Essa tese é, naturalmente, da maior importância para a explicação da origem daqueles vocalismos e dos dialectos do Centro-Sul — onde se inclui o português padrão — em geral. E é valorizada por ser construída a partir de dados obtidos com duas metodologias totalmente diferentes: a perceptiva e a acústica. Mas tem de sofrer o teste final: se já temos dados acústicos (Brissos 2014) e uma análise exaustiva da bibliografia (o presente trabalho) que fazem propor essa explicação, falta-nos, ainda, analisar o todo dos sistemas linguísticos do Centro-Sul; quer dizer, falta-nos analisar os dialectos / falares dessa área em todos os fenómenos gramaticais que não os que estiveram em análise em Brissos (2014) e neste trabalho (os fenómenos respeitantes ao vocalismo tónico, ou seja, os fenómenos destacados pela tradição dos estudos de conjunto dos dialectos portugueses). A perspectiva holística resultante deverá permitir-nos dar, se não a perspectiva final da paisagem e da génética dialectais do Centro-Sul, pelo menos a resposta final àquela tese.

2. Uma comparação entre os resultados fonéticos precisos de Brissos (2014) e os da literatura de base perceptiva — i.e. entre os timbres vocálicos definidos por um e por outros — daria todo um novo estudo. Aqui referiremos, de forma esquemática, os pontos fundamentais a considerar a esse respeito.

Em primeiro lugar, há a ter em conta que os resultados fonéticos de Brissos são, como se esperaria, menos ambíguos: por um lado, estão em causa dados acústicos, que têm uma base puramente física e quantitativa; por outro lado, os dados de Brissos são apresentados por apenas um autor, ao contrário dos muitos que servem de base à extensa literatura perceptiva.

Mas, em segundo lugar, não se pode deixar de ter presente a diferença por vezes extrema que existe, de estudo perceptivo para estudo perceptivo, na interpretação de um mesmo fenómeno: a sua verificação num mesmo ponto (nem sempre os estudos sobre um mesmo local são coincidentes), a sua definição (por exemplo: velarização ou labialização de e?: “palatalização” de u em [u], vogal central, ou [y]?), a sua notação fonética (pode encontrar-se uma enorme variedade de alfabetos fonéticos na literatura), etc.

Não obstante, os dados dos estudos perceptivos de caso concordam com os dados acústicos: podemos chegar às mesmas conclusões fundamentais a partir de uns e de outros, como vimos no §1.

Mas podemos chegar *menos longe* apenas com os dados perceptivos; todas as questões de definição de timbre, por exemplo, só podem ser satisfeitas com o recurso a dados acústicos. Para além de que os dados acústicos podem revelar factos que, sendo ocultos ou quase ocultos ao ouvido, não deixam de ser da maior importância; veja-se por exemplo o padrão de localização

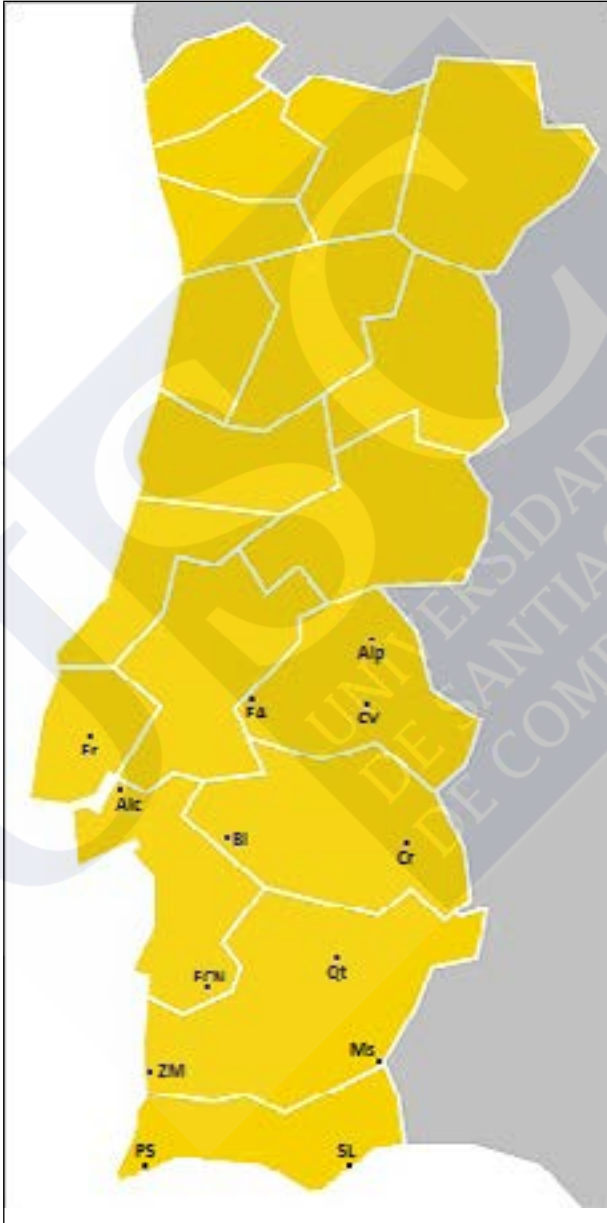


da vogal *u* fora da posição mais recuada do sistema que Brissos (2014) revelou (ou seja, a realização típica de *u* no Centro-Sul português não como a vogal mais recuada mas como a segunda ou, mais frequentemente, terceira vogal mais recuada; cf. o mapa 3 do presente trabalho e, para informações complementares, Brissos 2014).

A conclusão metodológica capital é, assim, a de que a dialectologia actual não pode (já que as tem) dispensar as ferramentas acústicas. Não pode também, é claro, dispensar as ferramentas perceptivas: é perceptiva a relação dos falantes (os utilizadores e modificadores da língua) com a língua. Mas a dialectologia acústica prova a sua validade: por um lado, é compatível com a informação perceptiva (nos nossos dados, as conclusões que extraímos das dezenas de referências de base perceptiva são, como dissemos, as mesmas, em traços gerais, que os dados acústicos de Brissos 2014 possibilitam); por outro lado, fornece informação mais exacta e permite colocar ou esclarecer questões que a dialectologia perceptiva / tradicional não coloca ou deixa em aberto (como variações entre timbres). Há, portanto, uma relação de complementaridade que a dialectologia moderna tem de praticar: procedimentos tradicionais com procedimentos de análise acústica. O presente artigo mostra que ideias estabelecidas (no caso sobre a paisagem dialectal do Centro-Sul português) podem ser postas em causa, de forma eficaz, com base nessa polivalência.

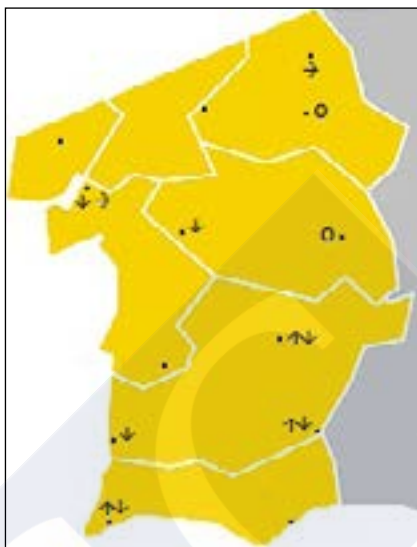
# ANEXOS

## MAPAS

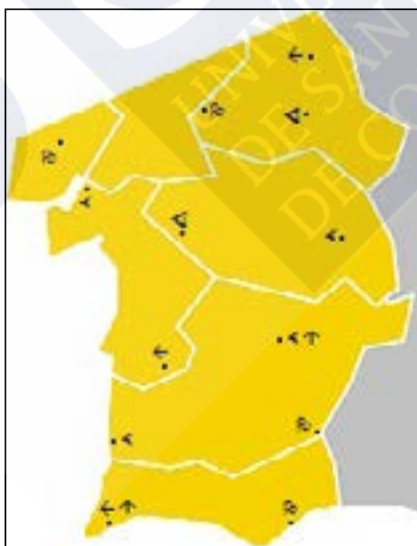


**Mapa 1.** Pontos de inquérito utilizados por Brissos (2014)

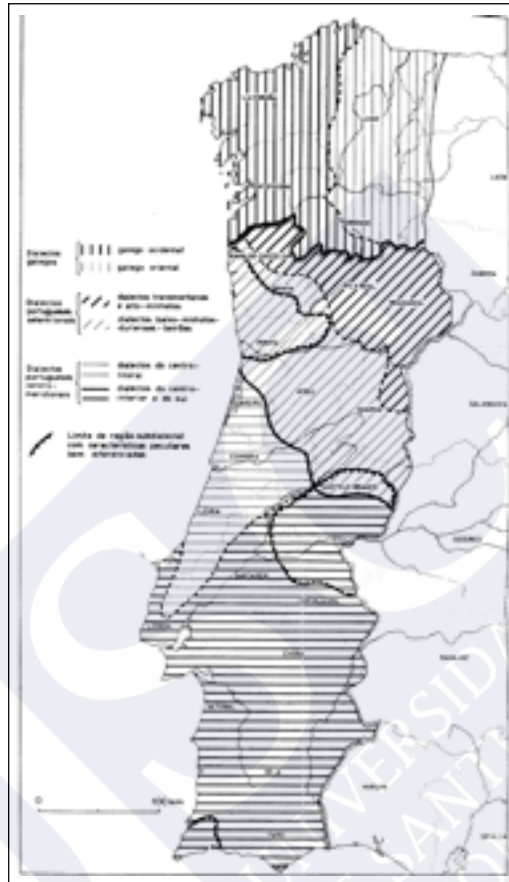
Legenda: **Alp** = (inquérito de) Alpalhão. **FA** = Foros do Arrão. **CV** = Cabeço de Vide. **Fr** = Freixial. **Alc** = Alcochete. **FCN** = Foros da Casa Nova. **BI** = Baldios. **Cr** = Carrapatelo. **Qt** = Quintos. **Ms** = Mesquita. **ZM** = Zambuieira do Mar. **PS** = Praia da Salema. **SL** = Santa Luzia.

**Mapa 2.** (Brissos 2014)

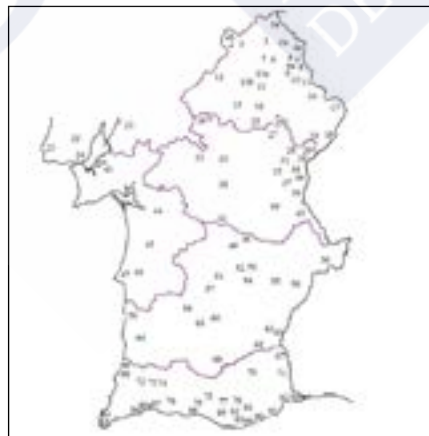
Legenda: ↑↓ = sistemas vocálicos com (i) destacada abertura / fechamento de /e, ε/ do português padrão e (ii) a vogal /æ/. (Um e outro fenómenos ocorrem sempre na mesma contextualização, que é a descrita pela literatura para o Barlavento do Algarve (Segura 1987, etc.)) — ↓ = sistemas vocálicos com destacada abertura / fechamento de /ε/ do padrão (sempre de acordo com a contextualização do Barlavento algarvio) mas sem a vogal /æ/. (A mesma abertura / fechamento de /ε/ que pode ser encontrada em Praia da Salema, Mesquita, Quintos, Zambujeira do Mar, Baldios e Alcochete ocorre igualmente em todos os restantes pontos de inquérito, mas aí sem resultar num timbre vocálico específico: cf. Brissos 2014.) — → Velarização de /e/ que não resulta da monotongação do antigo ditongo [ej]. — ○ Arredondamento das duas vogais anteriores não altas: /e, ε/.

**Mapa 3.** (Adaptação de Brissos 2014)

Legenda: ↑ = existência de /ɔ/. — ← = existência de /u/ (i.e. não existência de /u/). — [u] = /u/ é a vogal mais recuada do sistema. — < = /u/ é menos recuada do que as outras duas vogais posteriores (/o/ e /ɔ/ ou /ɔ/). — < = /u/ é menos recuada do que /o/, mas mais recuada do que /ɔ/ (i.e. a outra vogal posterior). (Nota-se assim que, ao contrário do que tem sido descrito para o português padrão (cf. Delgado-Martins 2002, Escudero *et al.* 2009), o *u* tónico dialectal do Centro-Sul português tende a não ser a vogal mais recuada do sistema; destaca-se mesmo, na maioria dos pontos de inquérito, pelo seu grau de avanço articulatorio.)



**Mapa 4.** "Classificação dos dialectos galego-portugueses", in Cintra (1983b)



**Mapa 5.** Rede de localidades estudadas na literatura de base perceptiva (estudos de caso)

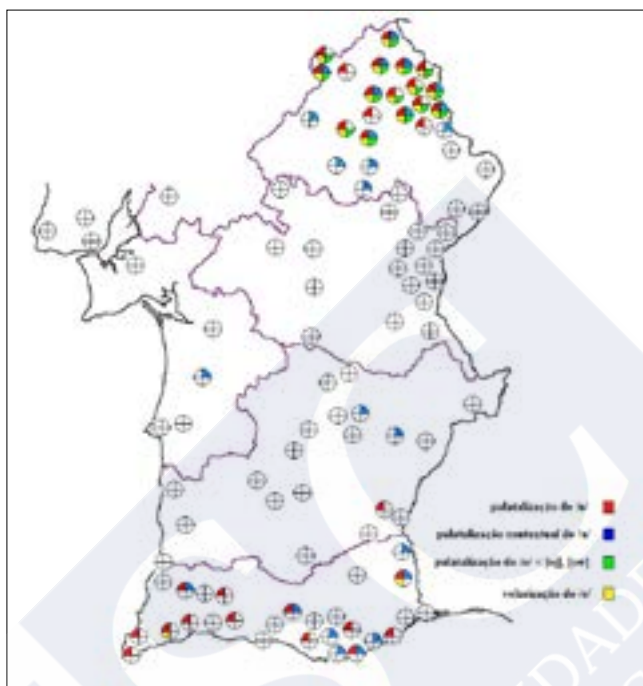
Legenda (entre parênteses, a seguir ao nome de cada localidade, o(s) estudo(s) que se ocupa(m) dela)<sup>8</sup>:

<sup>8</sup> As referências de Leite de Vasconcelos não vêm indicadas com data, pois são várias e baseiam-se, por norma, em apontamentos feitos pelo A. no local, que não são sempre fáceis de datar. Leite de Vasconcelos (1858-1941) deixou-nos, como

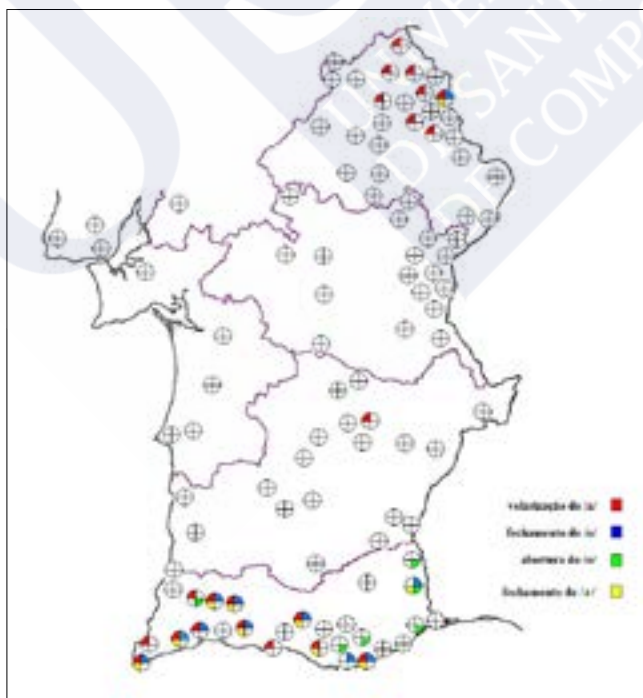
1	Nisa (Vls, Carreiro 1948, Lüdtke 1957)	20	Vila Boi (Vls)	45	Grândola (Vls)	70	Cachopo (Vls)
1a	Montalvão (Lüdtke 1957)	21	Glória do Ribatejo (Garcia 1979)	46	Santiago do Cacém (Vls)	71	Odeleite (Maia 1975, Segura 1991)
1b	Póvoa e Meadas (Lüdtke 1957)	22	Murteira (Costa 1961)	47	Sines (Caldeira 1959-60)	72	Marmeleite (Ribeiro 1958, Maia 1975)
2	Gavião (Lüdtke 1957)	23	Azóia (Marques 1968)	48	Vidigueira (Vls)	73	Fóia (Hammarström 1953)
2a	Belver (Lüdtke 1957)	24	Lisboa (Vls)	49	Cuba (Vls)	74	Monchique + Caldas de Monchique (Hammarström 1953, Lüdtke 1957)
3	Atalaia (Vls)	25	Veiros (Vls)	50	Santo Aleixo (Vls)	75	Alte (Hammarström 1953, Maia 1975)
4	Castelo de Vide (Vls, Lüdtke 1957)	26	Mora (Vls)	51	Baleizão (Delgado 1970)	76	Silves (Hammarström 1953, Lüdtke 1957)
4a	Beira (Lüdtke 1957)	27	Estremoz (Vls)	52	Beja (Vls)	77	Loulé (Vls, Lüdtke 1957)
5	Tolosa (Vls)	28	Vila Viçosa (Vls)	53	Ervidel (Vls)	78	São Brás de Alportel (Vls, Lüdtke 1957)
6	Alpalhão (Lüdtke 1957)	29	São Romão (Vls)	54	Salvada (Vls)	79	Ferreiras (Lüdtke 1957)
7	Escusa (Baptista 1967)	30	Juromenha (Vls)	55	Serpa (Vls)	80	Gorjões (Hammarström 1953)
8	Marvão (Vls, Lüdtke 1957, Simão 2011)	31	Bencatel (Vls)	56	Aldeia Nova de São Bento (Seita 1944)	81	Mesquita Baixa (Hammarström 1953)
9	Fortios (Lüdtke 1957, Rocha s/d)	32	São Geraldo (Vls)	57	Aljustrel (Vls)	82	Bordeira (Maia 1975)
9a	Montes Paleiros (Lüdtke 1957)	33	Igrejinha (Vls)	58	Panóias (Vls)	83	Patacão (Maia 1975)
10	Portalegre (Vls)	34	Alandroal (Vls)	59	Vila Nova de Milfontes (Vls)	84	Vila do Bispo (Vls, Hammarström 1953, Maia 1975)
11	Alegrete (Vls)	35	Redondo (Vls)	60	Castro Verde (Vls)	85	Sagres (Vls, Hammarström 1953, Lüdtke 1957)
12	Ponte de Sor (Vls)	36	São Brás de Matos (Vls)	61	Ourique (Vls)	86	Lagos (Vls, Hammarström 1953, Lüdtke 1957, Carrancho 1969, Maia 1975)
13	Alter do Chão (Vls, Lüdtke 1957)	37	Terena (Vls)	62	Mértola (Vls)	86a	Alvor (Hammarström 1953, Maia 1975)
13a	Flor da Rosa (Lüdtke 1957)	38	Évora (Vls)	63	Santana de Cambas (Vls)	87	Lagoa (Vls, Lüdtke 1957)
13b	Chanca (Lüdtke 1957)	39	Monte Juntos (Vls)	64	Odemira (Vls)	88	Albufeira (Hammarström 1953, Lüdtke 1957)
14	Arronches (Paulino 1959)	40	Reguengos de Monsaraz (Vls)	65	São Bartolomeu Via Glória (Vls)	89	Olhão (Hammarström 1953, Lüdtke 1957, Palma 1967, Maia 1975)
15	Avis (Vls)	41	Mourão (Vls)	66	Almodôvar (Vls)	90	Fuseta (Maia 1975)
16	Fronteira (Vls)	42	Viana do Alentejo (Vls)	67	Alcoutim (Lüdtke 1957, Maia 1975)	91	Santa Luzia (Hammarström 1953)
17	Campo Maior (Vls)	43	Montijo (Martins 1941)	68	Odeceixe (Lüdtke 1957)	92	Monte Gordo (Hammarström 1953, Ratinho 1959)
18	Sousel (Vls)	44	Alcácer do Sal (Vls)	69	Aljezur (Lüdtke 1957)	93	Vila Real de Santo António (Lüdtke 1957)
19	Elvas (Vls)						

é sabido, um *corpus* dialectal recolhido ao longo da sua profícua e extensa vida científica, que se iniciou quando Leite era ainda jovem e foi construído até aos seus últimos anos de vida. As referências que utilizamos de Leite de Vasconcelos são: Vasconcelos (1886), Vasconcelos (1896), Vasconcelos (1970), Vasconcelos (1981) e Florêncio (2005). Abreviamo-las por “Vls” na tabela.

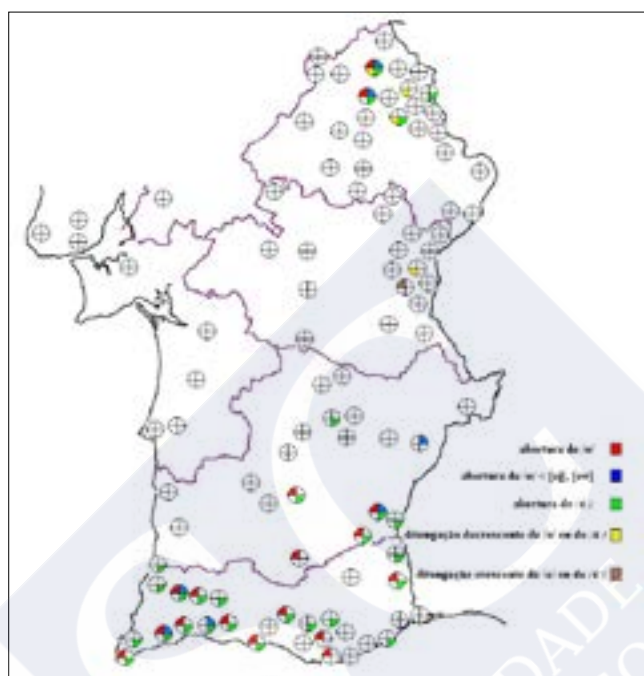




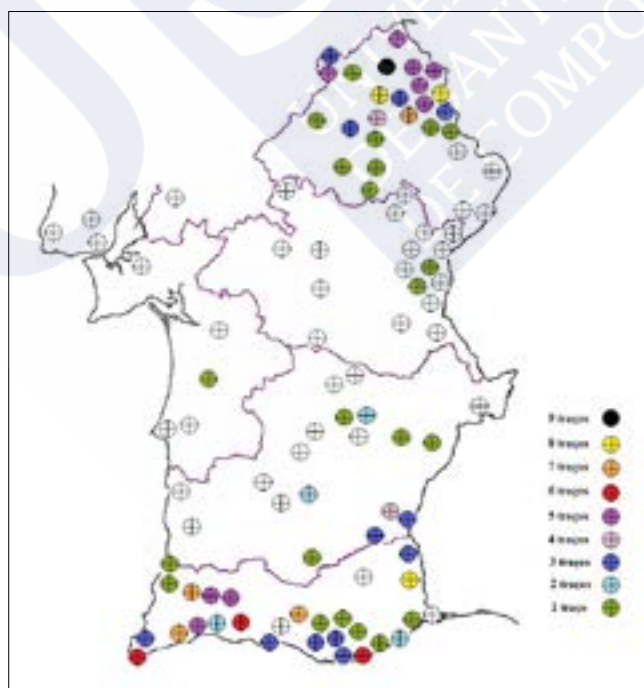
**Mapa 6.** 4 dos 13 traços referidos na literatura de base perceptiva (estudos de caso)



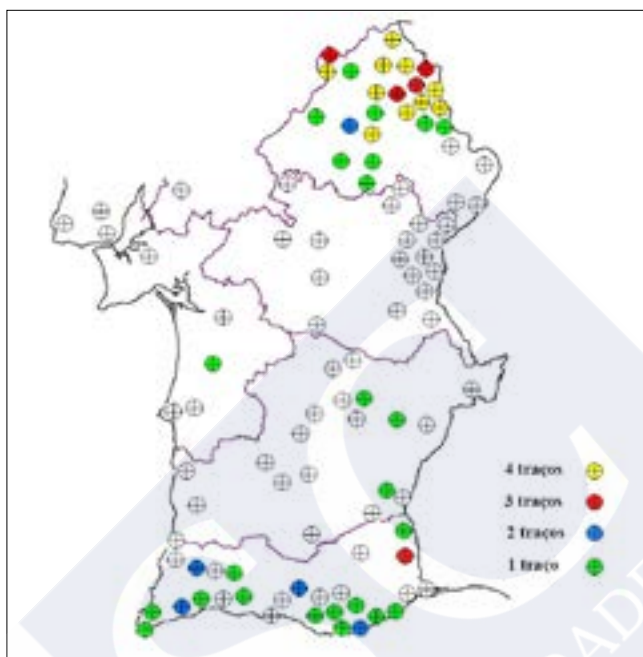
**Mapa 7.** 4 dos 13 traços referidos na literatura de base perceptiva (estudos de caso)



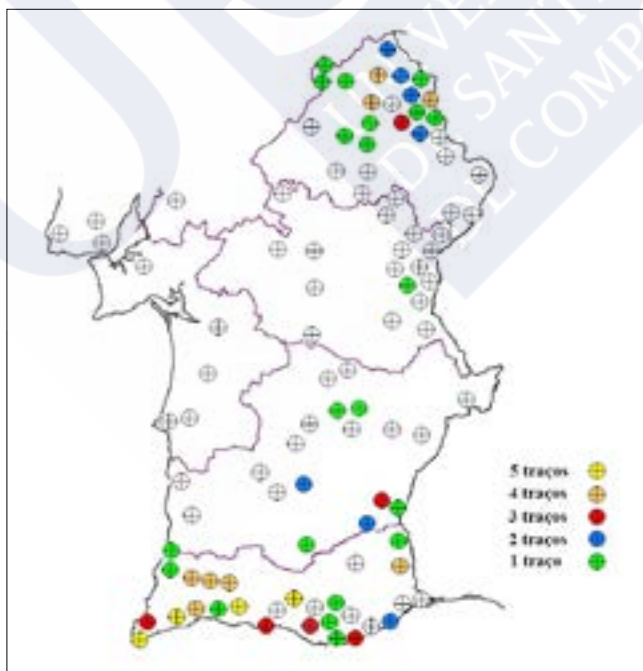
**Mapa 8.** 5 dos 13 traços referidos na literatura de base perceptiva (estudos de caso)



**Mapa 9.** Síntese geral dos dados da literatura de base perceptiva (estudos de caso)



**Mapa 10.** Síntese parcial dos dados da literatura de base perceptiva (estudos de caso): ocorrência, na região considerada, dos fenómenos utilizados por Segura (2013) para identificar e caracterizar a variedade da Beira Baixa e Alto Alentejo



**Mapa 11.** Síntese parcial dos dados da literatura de base perceptiva (estudos de caso): ocorrência, na região considerada, dos fenómenos utilizados por Segura (2013) para identificar e caracterizar a variedade do Barlavento do Algarve

Quadro 1. Valores formânticos das vogais do Centro-Sul (fonte: Brissos 2014)<sup>9</sup>

	Alpalhão	Foros do Arrão	Cabeço de Vide	Freixial	Alcochete	Casa Nova	Baldios	Carrapateiro	Quintos	Mesquita	Zambujeira do Mar	Praia da Salema	Santa Luzia
F1	360 (8)	410 (15)	369 (19)	340 (17)	354 (7)	418 (20)	379 (13)	381 (12)	351 (13)	374 (14)	368 (7)	399 (10)	351 (16)
F2	2303 (43)	2269 (37)	2241 (64)	1975 (36)	2189 (36)	2098 (49)	2152 (74)	2542 (54)	2189 (25)	2329 (118)	2139 (25)	2186 (32)	2261 (42)
F3	3142 (85)	2820 (103)	2704 (136)	2450 (88)	2626 (49)	2634 (86)	2717 (68)	2965 (100)	2890 (116)	2771 (63)	2646 (36)	2811 (31)	2925 (69)
/e/	F1	458 (17)	522 (23)	468 (13)	442 (2)	416 (18)	500 (27)	476 (18)	457 (5)	444 (20)	449 (11)	451 (19)	473 (17)
	F2	2116 (19)	1909 (104)	1892 (111)	1786 (29)	2081 (27)	1801 (80)	1916 (74)	2112 (99)	2058 (46)	2121 (60)	2074 (106)	2004 (23)
	F3	2766 (46)	2699 (49)	2364 (77)	2257 (25)	2566 (44)	2415 (69)	2625 (56)	2669 (68)	2691 (49)	2492 (61)	2700 (36)	2588 (23)
/ɛ/ ou /ɛ̃/ <sup>11</sup>	F1	471 (12)			467 (32)								
	F2	1592 (107)			1748 (184)								
F3	2544 (24)				2386 (94)								
/e/ ou /ɛ/ <sup>12</sup>	F1	533 (9)	674 (23)	590 (18)	548 (5)	589 (58)	618 (11)	576 (17)	576 (22)	524 (13)	553 (29)	498 (29)	596 (26)
	F2	1950 (44)	1724 (100)	1757 (104)	1599 (30)	1719 (98)	1697 (80)	1721 (99)	1834 (31)	1981 (38)	1566 (20)	1942 (81)	1859 (61)
	F3	2608 (81)	2644 (90)	2335 (46)	2241 (45)	2322 (99)	2291 (59)	2516 (98)	2628 (37)	2714 (23)	2498 (63)	2575 (65)	2465 (44)
/æ/	F1								678 (43)	605 (52)		726 (41)	
	F2								1734 (54)	1865 (116)		1686 (92)	
F3									2359 (33)	2550 (70)		2742 (46)	
/a/ ou /a/ <sup>13</sup>	F1	853 (31)	759 (24)	743 (19)	660 (14)	776 (26)	714 (26)	731 (23)	798 (16)	662 (29)	671 (36)	643 (37)	660 (35)
	F2	1468 (59)	1402 (122)	1435 (114)	1201 (79)	1246 (122)	1452 (86)	1359 (113)	1476 (92)	1406 (94)	1412 (60)	1241 (106)	1585 (87)
	F3	2476 (20)	2572 (94)	2448 (91)	2031 (8)	2145 (30)	2292 (51)	2458 (50)	2915 (34)	2426 (37)	2429 (101)	2682 (126)	2309 (30)
/ɔ/ ou /ɔ/ <sup>14</sup>	F1	581 (24)	663 (24)	606 (12)	557 (12)	553 (43)	590 (24)	568 (8)	554 (7)	569 (22)	535 (9)	503 (21)	568 (12)
	F2	1053 (70)	1101 (115)	1048 (33)	935 (58)	964 (81)	1100 (72)	1094 (74)	1054 (52)	1133 (67)	1138 (114)	1049 (101)	1219 (129)
	F3	2359 (59)	2730 (117)	2518 (42)	2079 (74)	2232 (39)	2286 (25)	2401 (102)	2991 (31)	2572 (77)	2345 (104)	2583 (77)	2216 (81)
/o/	F1	489 (11)	533 (21)	479 (23)	454 (3)	441 (18)	528 (39)	461 (11)	423 (13)	491 (11)	448 (12)	463 (25)	473 (18)
	F2	906 (14)	938 (96)	972 (119)	867 (71)	864 (125)	1057 (82)	1013 (84)	978 (95)	971 (154)	1125 (109)	1034 (151)	1192 (198)
	F3	2456 (46)	2732 (36)	2444 (61)	2273 (100)	2296 (46)	2237 (88)	2390 (97)	2429 (76)	2653 (53)	2415 (144)	2497 (55)	2302 (31)
/ø/	F1	476 (20)											
	F2	1339 (145)											
F3	2524 (46)												
/u/ ou /u/ <sup>15</sup>	F1	378 (8)	439 (14)	415 (18)	389 (13)	367 (11)	439 (30)	395 (11)	405 (13)	366 (26)	379 (10)	388 (16)	408 (23)
	F2	1216 (158)	919 (99)	989 (89)	866 (105)	1012 (112)	1290 (169)	1038 (196)	1101 (84)	1101 (216)	1215 (109)	1638 (313)	1104 (152)
	F3	2425 (58)	2726 (91)	2497 (39)	2350 (99)	2299 (80)	2353 (80)	2314 (37)	2802 (37)	2717 (53)	2374 (67)	2342 (58)	2356 (61)

<sup>9</sup> Os valores são apresentados em Hertz e são os valores médios das vogais (desvios-padrão entre parênteses). F1, F2 e F3 correspondem respectivamente a primeiro, segundo e terceiro formantes.

<sup>10</sup> /j/ existe em Praia da Salema.

<sup>11</sup> /ɐ/ existe em Alpalhão; /ɛ̃/ existe em Alcochete.

<sup>12</sup> /ɛ/ existe em Praia da Salema.

<sup>13</sup> /u/ existe em Praia da Salema.

<sup>14</sup> /ɔ/ existe em Quintos e Praia da Salema.

<sup>15</sup> /u/ existe em Alpalhão; Foros da Casa Nova e Praia da Salema.

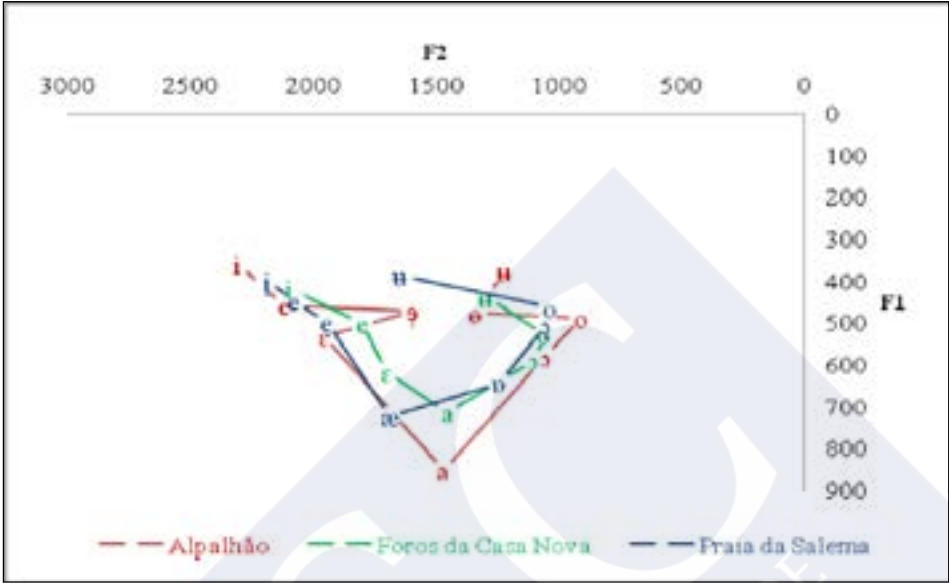


Figura 1. Pontos de inquérito em que existe /u/ em vez de /u/ (Brissos 2014)

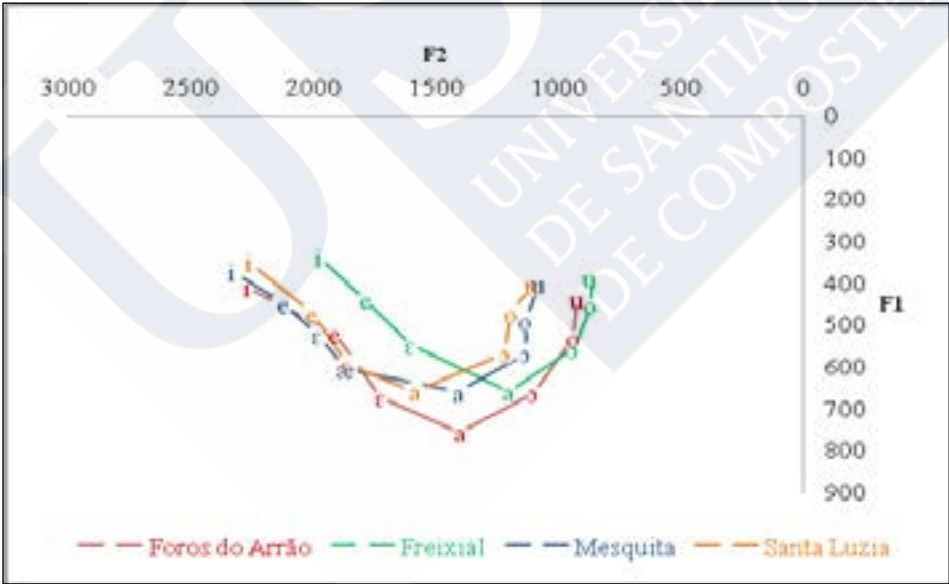
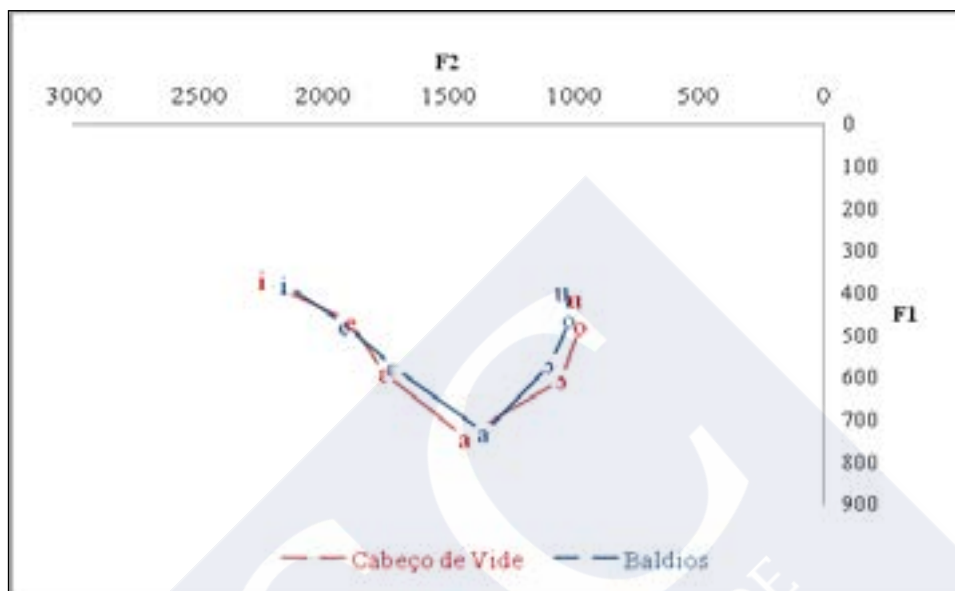
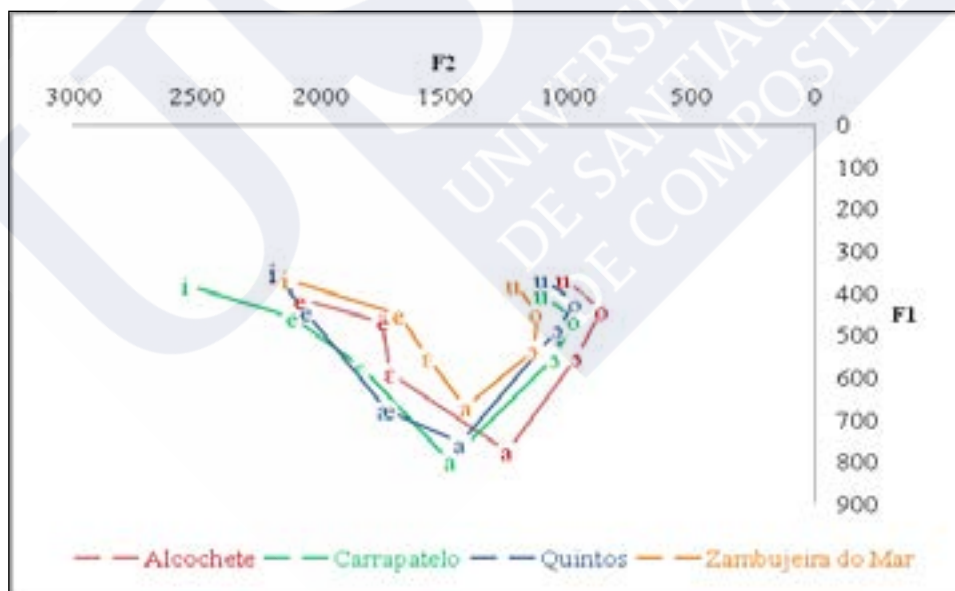


Figura 2. Pontos de inquérito em que /u/ é a vogal mais recuada (Brissos 2014)





**Figura 3.** Pontos de inquérito em que /u/ é a segunda vogal mais recuada (Brissos 2014)



**Figura 4.** Pontos de inquérito em que /u/ é a terceira vogal mais recuada (Brissos 2014)

**Quadro 2.** Colação dos fenómenos linguísticos destacados pela tradição da *Nova Proposta* com as propostas de classificação dialectal anteriores<sup>16</sup>

Fenómeno	Cintra (1983b) ou Segura (2013)	Vasconcelos (1970)	Boléo / Silva (1974) <sup>17</sup>	Vázquez Cuesta / Luz (1980)
Abertura de [i]	SW	—	—	—
Abertura de [e]	SW	—	(sem definição de regra, e juntamente com o o fechado:) traço geral do Falar Trasmontano; (sem definição de regra) Subfalar Algarvio, "sobretudo na linguagem de Barlavento" (p. 337)	"Na parte ocidental e central do Algarve" (p. 62)
Labialização de [ɛ]	CI	Fundão, "au contact des labiales" (p. 80)	Subfalar de Castelo Branco (assim se depreende; cf. p. 334)	Beira Baixa (faltando portanto referência à zona de Portalegre)
Abertura de [ɛ]	SW	("devant une consonne" (p. 80): Nisa; Lagos, Loulé e Alportel	—	"Na parte ocidental e central do Algarve" (p. 62)
Labialização de [ɛ]	CI	—	—	—
Recuo de [a]	SW	Alvações do Corço; Ferreira do Zêzere; Fundão, "sous l'influence des labiales" (p. 78); Vila do Bispo, Sagres	—	Beira Baixa e "toda a parte ocidental do Algarve" (p. 62)
Palatalização de [a]	CI	"dans un territoire très étendu de la Beira-Baixa et de l'Alto-Alentejo" (p. 78), sem definição de regra (notando-se que no A. Beira Baixa corresponde como foi usado durante algum tempo, aos distritos de Castelo Branco e Guarda, e não só, como veio depois a consagrar-se ao distrito de C. Branco: Brissos 2012: 146, n. 277; Ferreira de Aves, apenas antes de <i>m</i> e <i>n</i> )	(sem definição de regra): traço geral do Falar Minhoto, exponeciado no Minhoto Central; (antes de consoante nasal): traço geral do Falar Trasmontano; (mesmo contexto, ocorrência rara) Beirão Ocidental; (sem definição de regra): traço geral do Falar de Castelo Branco e Portalegre (que é apontado como o falar em que o traço se exponecia); (sem definição de regra) Subfalar algarvio	(regra fundamentalmente concordante com a de Segura): Beira Baixa e parte do Alto Alentejo; citam Boléo sobre a existência do fenómeno no Minho (p. 62)
Fechamento de [ɔ]	SW	—	—	"toda a parte ocidental do Algarve" (p. 62)
Fechamento de [o]	SW	—	—	"toda a parte ocidental do Algarve" (p. 62)
Palatalização de [u]	CI, SW	"Dans une région très vaste, qui s'étend pour le moins de Fundão et Sertã (Beira-Baixa) jusqu'à Portalegre (Alto-Alentejo), et qui comprend quelques territoires de l'Estrémadure (Alvaiázere, Paivalvo) [...] Ensuite le phénomène apparaît dans l'Algarve (Barlavento), où je l'ai observé à Lagos et à Vila-do-Bispo. Il est probable que l'i existe aussi dans certains	Murtinheira (Figueira da Foz); Subfalar Algarvio, "sobretudo na linguagem de Barlavento" (p. 337)	Portugal que abrange desde o Fundão e a Sertã (Beira Baixa) até Portalegre (Alto Alentejo) com pontos da Beira Litoral e Ribatejo e todo o ocidente do Algarve" (p. 61)

<sup>16</sup> Na coluna respeitante a Cintra e Segura são utilizadas as seguintes abreviaturas: CI = Centro-Interior = variedade do Barlavento do Algarve. Nas outras colunas, as localidades ou áreas afastadas das áreas de CI ou SW ficam sublinhadas; as localidades ou áreas traçadas correspondem apenas parcialmente às áreas de CI ou SW, i.e. incluem as áreas de CI ou SW mas também espaços afastados. Espaços próximos das áreas de CI ou SW, como localidades imediatamente confinantes, não são destacados, pois as isófonas de Cintra, como outras quaisquer, devem ser entendidas como tentativas de aproximação a uma realidade que é dinâmica e contínua; uma sófona não tem de dividir entre uma zona preta e uma zona branca, pois vários matizes de cinzento são de esperar na passagem de uma área dialectal para outra.

<sup>17</sup> Os AA. definem três tipos de traço, que devem ser todos presentes: "traços gerais, comuns a uma região (p. ex. o minhoto); traços limitados a uma subregião (p. ex. o alto-minhoto); e traços comuns a uma zona limitrofe (p. ex. o minhoto e o trasmontano)" (p. 325).

Fenómeno	Cintra (1983b) ou Segura (2013)	Vasconcelos (1970)	Boléo / Silva (1974) <sup>17</sup>	Vázquez Cuesta / Luz (1980)
Palatalização do [o] do ditongo, já não existente no português padrão, [ow]	CI	endroits compris entre ces zones" (p. 89) "ou /i.e. com a conservação do ditongo" — domine dans le N. de Trás-os-Montes et peut-être dans une partie de la Beira, et (avec ou) en Entre-Douro-e-Minho; <i>ó /i.e. com monotongação, fenómeno típico do Centro-Sul do país</i> — domine dans une partie de la Beira-Baixa et] de l'Estrémadure et dans le N. de l'Alentejo, c.-à-d. dans la zone où existe <i>ú /i.../</i> ; l'Algarve excepté, parce que je n'y ai pas encore observé <i>ô</i> " (p. 91)	—	"parte da Beira Baixa, Estremadura e Alto Alentejo" (p. 64); trata-se de utilização directa da informação de Leite de Vasconcelos: daí (i) a referência incoerente à província da Estremadura num texto que já tinha referido, a propósito da palatalização de <i>u</i> , o Ribatejo (esse sim, considerando-se a existência dessa província, junto à Beira Baixa e Alto Alentejo) e (ii) a referência a apenas "parte da Beira Baixa", pois em Leite Beira Baixa correspondia, como foi já referido, aos distritos de Castelo Branco e Guarda em conjunto
Apócope ou neutralização de [u] átono final	CI, SW	—	Traço geral do Falar de Castelo Branco e Portalegre; traço particular do Subfalar algarvio	—
Apócope de [i] átono final	(CI,) SW <sup>18</sup>	—	—	— (é referido contudo o facto de a vogal ser "muito relaxada" no Algarve e na Beira Baixa: pp. 62-63)
Ditongação de [a] final tónico	SW	—	—	—
Monotongação de [ɛw] final tónico	SW	—	—	—

<sup>18</sup> Como se viu no texto (2. §3<sup>a</sup>), apenas Cintra utiliza este traço para caracterizar CI, e num patamar inferior aos restantes traços.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andrade, Ernesto de (1977): *Aspects de la phonologie (générative) du Portugais*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Atlas Acústico do Vocalismo Tónico Português. <http://www.clul.ul.pt/en/research-teams/538-avoc-acoustic-atlas-of-portuguese-stressed-vowels>.
- Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza. <http://www.clul.ul.pt/en/research-teams/205-linguistic-and-ethnographic-atlas-of-portugal-and-galicia-alepg?showall=1>.
- Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (1974): *Questionário Linguístico*. Publicações do Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza. Lisboa: Instituto de Linguística. 3 vols.
- Baptista, Cândida da Saudade Costa (1967): *O falar da Escusa*. Universidade de Lisboa. Dissertação de licenciatura inédita.
- Boléo, Manuel de Paiva / Maria Helena Santos Silva (1962): "O "Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal Continental", *Boletim de Filologia* XX, 85-112. Versão revista e editada em: Boléo, Manuel de Paiva (1974): *Estudos de Linguística Portuguesa e Românica*, vol. I – *Dialectologia e História da Língua*, t. I. Coimbra: Universidade de Coimbra, 321-352.
- Boléo, Manuel de Paiva (1974a): "O Estudo dos Dialectos e Falares Portugueses (um Inquérito Linguístico)", *Estudos de Linguística Portuguesa e Românica*, vol. I *Dialectologia e História da Língua*, t. I., Coimbra: Universidade de Coimbra, 3-27.
- Boléo, Manuel de Paiva (1974b): "O Interesse Científico da Linguagem Popular", *Estudos de Linguística Portuguesa e Românica*, vol. I *Dialectologia e História da Língua*, t. I., Coimbra: Universidade de Coimbra, 47-93.
- Boléo, Manuel de Paiva (1974c): "Anexo I – Lista Alfabética dos Vocábulo do Questionário do Inquérito Linguístico e Aditamentos Posteriores", *Estudos de Linguística Portuguesa e Românica*, vol. I *Dialectologia e História da Língua*, t. II., Coimbra: Universidade de Coimbra, 79-94.
- Boléo, Manuel de Paiva (1974d): "Anexo II – Mapa de Portugal Continental e Ilhas Adjacentes e Lista das Povoações nele Inscritas", *Estudos de Linguística Portuguesa e Românica*, vol. I *Dialectologia e História da Língua*, t. II., Coimbra: Universidade de Coimbra, 95-139.
- Boléo, Manuel de Paiva (1978): *Inquérito Linguístico. Questionário*. 3.ª edição, Aveiro.
- Brissos, Fernando (2012): *Linguagem do Sueste da Beira no Tempo e no Espaço*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- Brissos, Fernando (2014): "New insights into Portuguese central-southern dialects: understanding their present and past forms through acoustic data from stressed vowels", em: *Journal of Portuguese Linguistics*, no prelo.
- Caldeira, Maria Arlete Fernandes (1959-60): *O falar dos pescadores de Sines. (Notas etnográficas, linguísticas e folclóricas)*. Universidade de Lisboa. Dissertação de licenciatura inédita.
- Carrancho, Maria Licínia Sarrico dos Santos (1969): *A linguagem dos pescadores de Lagos*. Universidade de Lisboa. Dissertação de licenciatura inédita.
- Carreiro, Maria Eduarda Ventura (1948): *Monografia linguística de Nisa*. Universidade de Lisboa. Dissertação de licenciatura inédita.
- Cintra, Luís Lindley (1983a): "Os ditongos decrescentes ou e ei: esquema de um estudo sincrónico e diacrónico", *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 35-54. Primeira publicação, 1970: *Anais do Primeiro Simpósio de Filologia Românica*: 115-134.
- Cintra, Luís Lindley (1983b): "Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-Portugueses", *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 119-163. Primeira publicação, 1971: *Boletim de Filologia* XXII, 81-116.
- Costa, Maria Rosa Lila Dias (1961): *Murteira, uma povoação do concelho de Loures – Etnografia, linguagem e folclore*. Lisboa: Junta distrital de Lisboa.
- Cunha, Celso / Luís F. Lindley Cintra (1984): *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa.
- Delgado, Maria Carolina Saramaga (1970): *O falar de Baleizão*. Universidade de Lisboa. Dissertação inédita de licenciatura.
- Delgado-Martins, Maria R. (2002): "Análise Acústica das Vogais Tónicas do Português", *Fonética do Português: Trinta Anos de Investigação*. Lisboa: Caminho.
- Escudero, Paola et al. (2009): "A Cross-Dialect Acoustic Description of Vowels: Brazilian and European Portuguese", *Journal of the Acoustical Society of America*, 126 (3), 1379-1393. <http://dx.doi.org/10.1121/1.3180321>.

- Ferreira, Manuela Barros *et al.* (1996): "Variação Linguística: Perspectiva Dialectológica", em: Faria, Isabel Hub *et al.* (orgs.), *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 479-502.
- Ferreira, Manuela Barros (1996): "Le Domaine Portugais", *Atlas Linguistique Roman (ALiR)*, vol. I – *Présentation*, Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, Libreria dello Stato, 21-29.
- Florêncio, Manuela (2005): *Dialecto Alentejano: Contributos para o seu Estudo*. 2.<sup>a</sup> edição. Lisboa: Edições Colibri.
- Garcia, Idalina Serrão (1979): *O Falar da Glória do Ribatejo*. Lisboa: Assembleia Distrital de Santarém.
- Girão, Aristides de Amorim (1958): *Atlas de Portugal. Publicação Comemorativa do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique*. 2.<sup>a</sup> edição, Coimbra: Instituto de Estudos Geográficos (Fac. de Letras).
- Gottschalk, Maria Filipa (1977): "Trabalhos Preparatórios para o ALEPG". Separata de *Actas del V Congreso Internacional de Estudios Lingüísticos del Mediterráneo*. Madrid: s.n.
- Hammarström, Göran (1953): *Étude de Phonétique Auditive sur les Parlers de l'Algarve*. Uppsala-Estocolmo: Almqvist & Wiksells Boktryckeri Aktiebolag.
- Lacerda, Armando / Göran Hammarström (1952): "Transcrição fonética do português normal", *Revista do Laboratório de Fonética Experimental* I, 119-135.
- Ladefoged, Peter / Sandra Ferrari Disner (2012): *Vowels and consonants*. Wiley-Blackwell, 3.<sup>a</sup> ed.
- Lüdtke, Helmut (1956): *Die Strukturelle Entwicklung des Romanischen Vokalismus*. Bona.
- Lüdtke, Helmut (1957): "Beiträge zur Lautlehre Portugiesischer Mundarten", *Miscelânea Homenaje a André Martinet: Estruturalismo e Historia*, t. I., La Laguna (Espanha): Universidad de La Laguna, 95-112.
- Maia, Clarinda de Azevedo (1975): *Os Falares do Algarve (Inovação e Conservação)*. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, v. XVII, t. I e II. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Marques, Maria Casimira Almeida (1968): *O Falar da Azóia*. Universidade de Lisboa. Dissertação de licenciatura inédita.
- Martins, Natércia Natália dos Santos (1941): *Subsídios para o estudo da Dialectologia Portuguesa*. Universidade de Lisboa. Dissertação de licenciatura inédita.
- Mateus, Maria Helena Mira (1975): *Aspectos da Fonetologia Portuguesa*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.
- Mateus, Maria Helena / Ernesto d'Andrade (2000): *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.
- Morais Barbosa, João (1965): *Études de Phonologie Portugaise*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.
- Palma, Branca Marília Seixal (1967): *O falar dos pescadores de Olhão*. Universidade de Lisboa. Dissertação de licenciatura inédita.
- Paulino, Maria de Lourdes Semedo (1959): *Arronches, Estudo da linguagem e etnografia*. Universidade de Lisboa. Dissertação de licenciatura inédita.
- Preston, Dennis R. (1989): *Perceptual Dialectology*. Dordrecht: Foris.
- Ratinho, Maria Filipe Mariano (1959): *Monte Gordo. Estudo etnográfico e linguístico*. Universidade de Lisboa. Dissertação de licenciatura inédita.
- Ribeiro, Maria Paulina Bento (1958): *Marmeleite: estudo sobre a etnografia, folclore e linguagem*. Universidade de Lisboa. Dissertação de licenciatura inédita.
- Rocha, Maria Regina de Matos (s/d): *Costumes e falares de Fortios*. Versão manuscrita inédita.
- Saramago, João (2006): "O Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG)". Sep. de *Estudis Romànics*, XXVIII. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans.
- Segura (da Cruz), Luísa / João Saramago (2001): "Variedades Dialectais Portuguesas", *Caminhos do Português*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 221-240.
- Segura (da Cruz), (M.) Luísa (1987): *A Fronteira Dialectal do Barlavento do Algarve*. Universidade de Lisboa. Tese de doutoramento inédita.
- Segura (da Cruz), (M.) Luísa (1991): *O Falar de Odeleite*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica / Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- Segura (da Cruz), (M.) Luísa (2013): "Variedades Dialectais do Português Europeu", *Gramática do Português*, vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 85-142.
- Seita, Ilda Francisca (1944): *A linguagem popular de Aldeia Nova de São Bento*. Universidade de Lisboa. Dissertação de licenciatura inédita.

- Simão, Teresa. *O Falar de Marvão: Pronúncia, Vocabulário, Alcanhas, Ditados e Provérbios Populares*. 2011, Lisboa: Colibri.
- Vasconcelos, José Leite de (1886): "Dialectos algarvios (Contribuições para o estudo da dialectologia portuguesa)", *A Independência* (Revista de Cultura Lusíada). Lisboa. Sep. Póvoa do Varzim, 21 pp.
- Vasconcelos, José Leite de (1893): "Carta Dialectologica do Continente Português", em: Ferreira-Deusdado, Manuel A.. *Chorographia de Portugal*. Lisboa: Guillard, Aillaud & C.ia, 15-16. – Separata (1897): *Mappa Dialectologica do Continente Português (Precedido de uma Classificação Summaria das Linguas por A. R. Gonçalves Vianna)*. Lisboa: Guillard, Aillaud & C.ia. – Reedição em *Opúsculos*, vol. IV (referência adiante), 791-796.
- Vasconcelos, José Leite de (1896): "Dialectos algarvios (Contribuições para o estudo da dialectologia portuguesa)", *Revista Lusitana*, IV, 324-338.
- Vasconcelos, José Leite de: *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise* (1901/1970). 2.<sup>a</sup> edição com aditamentos e correcções do autor, preparada, com base no exemplar conservado no Museu Etnológico "Dr. Leite de Vasconcellos", por Maria Adelaide Valle Cintra, 1970, Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.
- Vasconcelos, José Leite de (1929): *Opúsculos*, vol. IV – *Filologia (Parte II)*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Vasconcelos, José Leite de (1981): *Filologia Barranquenha. Apontamentos para o seu Estudo. Fac-símile da edição de 1955*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Vázquez Cuesta, Pilar / Maria A. Mendes da Luz (1971/1980): *Gramática da Língua Portuguesa*. Tradução de Ana M. Brito e Gabriela de Matos, Lisboa: Edições 70, a partir da 3.<sup>a</sup> edição corrigida e aumentada, 1971.